MARRASCHINO & C.ª

A VELHICE DA MADRE ETERNA

PARODIA EXCENTRICA E HUMORISTICA

A' VELHICE DO PADRE ETERNO

DE GUERRA JUNQUEIRO

NO RIO DE JANEIRO
EMPREZA LITTERARIA FLUMINENSE
RUA DO GENERAL CAMARA

1885

PREÇO 800 REIS

A VELHICE

DA MADRE ETERNA

MARRASCHINO & C.ª

A VELHICE DA MADRE ETERNA

PARODIA EXCENTRICA E HUMORISTICA
A' VELHICE DO PADRE ETERNO
DE GUERRA JUNQUEIRO

POR

TRES CABEÇAS DISTINCTAS
E FUTUROS SOCIOS
de varias academias e phylarmonicas

NO RIO DE JANEIRO
EMPREZA LITTERARIA FLUMINENSE
RUA DO GENERAL CAMARA

1885

DEPOSITARIA—LIVRARIA INTERNACIONAL

AO ILLUSTRE DEMOLIDOR

A Bohemia Galante Litteraria
e Excentrica

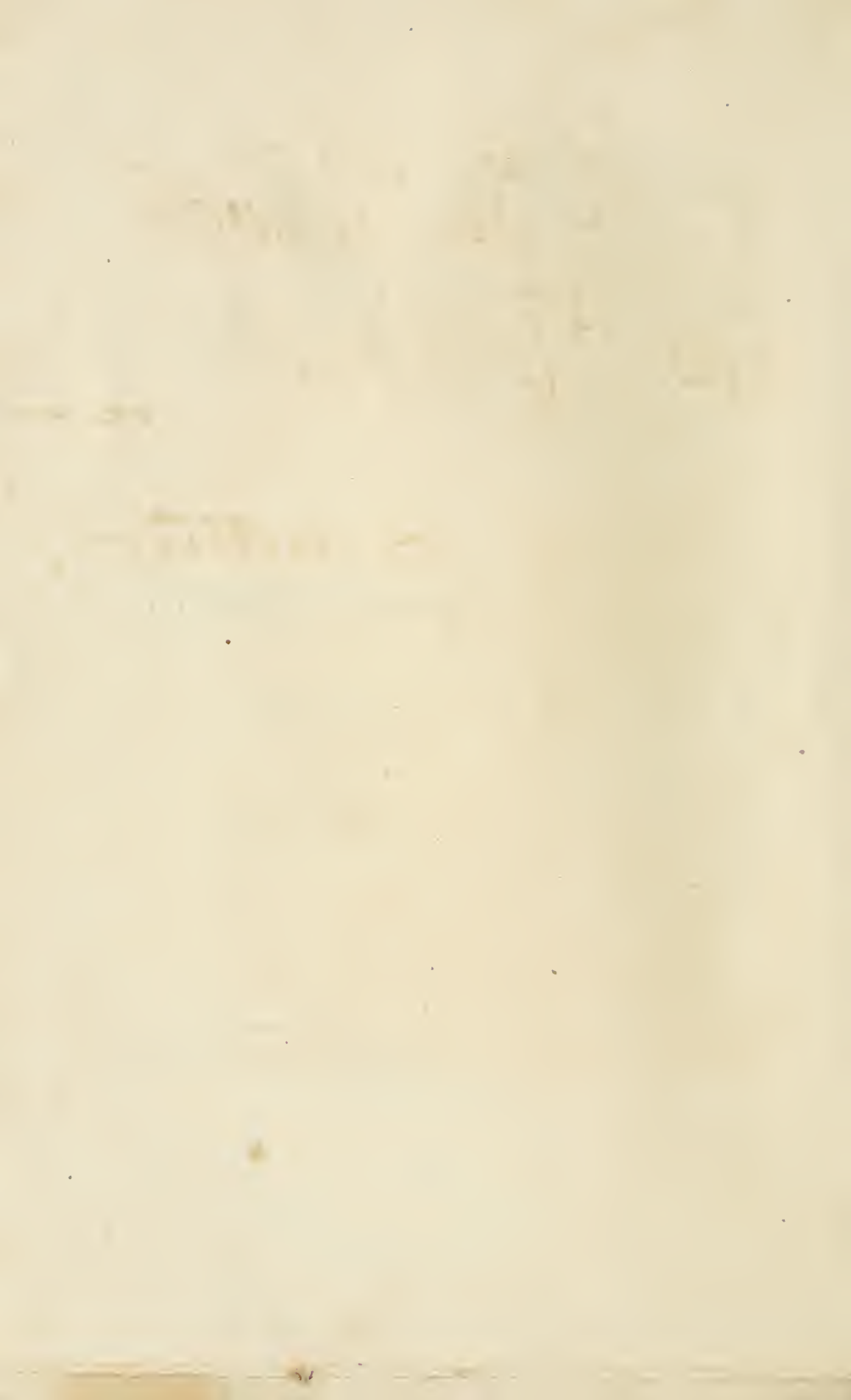
A

Bordallo Pinheiro

O INSUBMISSO

DOS

Pontos nos iii

Os Excentricos
da Bohemia Litteraria do Norte.

Este livro, onde a ironia alegre esfusia em girandolas vibrantissimas, é primeiro que tudo uma consagração ao grande demolidor e poeta peninsular que firmou ha menos d'um mez um luminoso livro *heretico*

A VELHICE DO PADRE ETERNO

A musa de Guerra Junqueiro, filha directa de Hugo e Sully Prudhomme, deixou por ahi estonteados varios cerebros. Velhos e pacatos paes de familia, irmãos do Senhor dos

Passos, e com a bella nota de bom comportamento na sua freguezia, rugiram como leões, de punhos cerrados, ameaçadores, ao alto, tal e qual o Sampaio protector das madres, temendo á colera do papão, contra tanta *heresia* e contra tanta *blasphemia*. Mas, oh desillusão completa! o Jehovah hirsuto, creador da bola e das batatas, é hoje um bom velhote aposentado, arrastando no espaço azul, atravez dos seculos o estropiado costado tão preclaramente zurzido pelo tagante de Spinosa, de Voltaire e de Strass.

Elle continúa pigarreando os seus trovões e cuspindo sobre a terra condemnada os vendavaes e as chuvas calamitosas. O pobre diabo cahiu no dominio da opera comica e do feijão branco.

Não é a creatura suprema do Olympo é um comparsa do theatro dos Recreios que muitas vezes se não decora rasoavelmente as *deixas* se sujeita a cincoenta por cento na tabella.

Junqueiro deu-lhe a ultima mócada. E que soberba valentia de punho! O pobre aborto já quasi de todo desengonçado, ficou n'um molho, espapado, de pança para o ar, como um *chéché* de carnaval na sexta hora da bebedeira e da ante-*camara*... da esquadra policial.

Ora foi na comprehensão de Junqueiro, querendo transplantar para a scena politica todo o scenario religioso, que um punhado de rapazes, de sangue quente e generoso, ricos de seivas, perlados de enthusiasmos lucidos, como manhãs de maio em pleno campo — tentaram o que os leitores vão lêr — se

acaso tiverem paciencia para tal. O que ahi fica é uma *rigolade*, que está para o *Lutrin*, para os seus methodos especiaes e para os seus processos intimos, assim como a *Gata Borralheira* está para o *Fausto*.

A *Madre Eterna* — é a sociedade actual com todos os seus ridiculos, com todos os seus vicios, com todos os seus conselheiros de pechisbeque, com todos os seus jornalistas para rir, com todas as suas apotheoses truanescas.

Este livro é um filho do seu tempo — de tudo ri e de tudo troça. E quando a espaços, põe de parte a gargalhada juvenalesca e agarra no tagante huguesco, a indignação espirra por todos os lados, laivada de sangue espumante e quente.

*

A *Velhice da Madre Eterna* é portanto uma obra de regabofe. Escripta por meia duzia de rapazes — dos que não sollicitam adjectivos nos jornaes dos que se não dão ares de parnasianos ou de macaqueadores de Hugo, á falta de cousa melhor a extrahir da pedreneira do craneo, — este livro explue sómente a gargalhada trocista, sem *parti-pris* odientos, sem belliscadellas que firam.

Tanto se lhe poderia chamar a *Velhice da Madre Eterna*, como a do *Papão*, como a do *Corropio*,

como a da *Massaroca*, ou do diabo. São perto de duzentas paginas alegres, soando como um clarim revoltoso atravez do pittoresco e da satyra. Cantam as primaveras de cada um de nós, rapazes do nosso tempo, sem aspirações burlescas a immortaes... em caixas de phosphoros, como diria o Jayme Filinto.

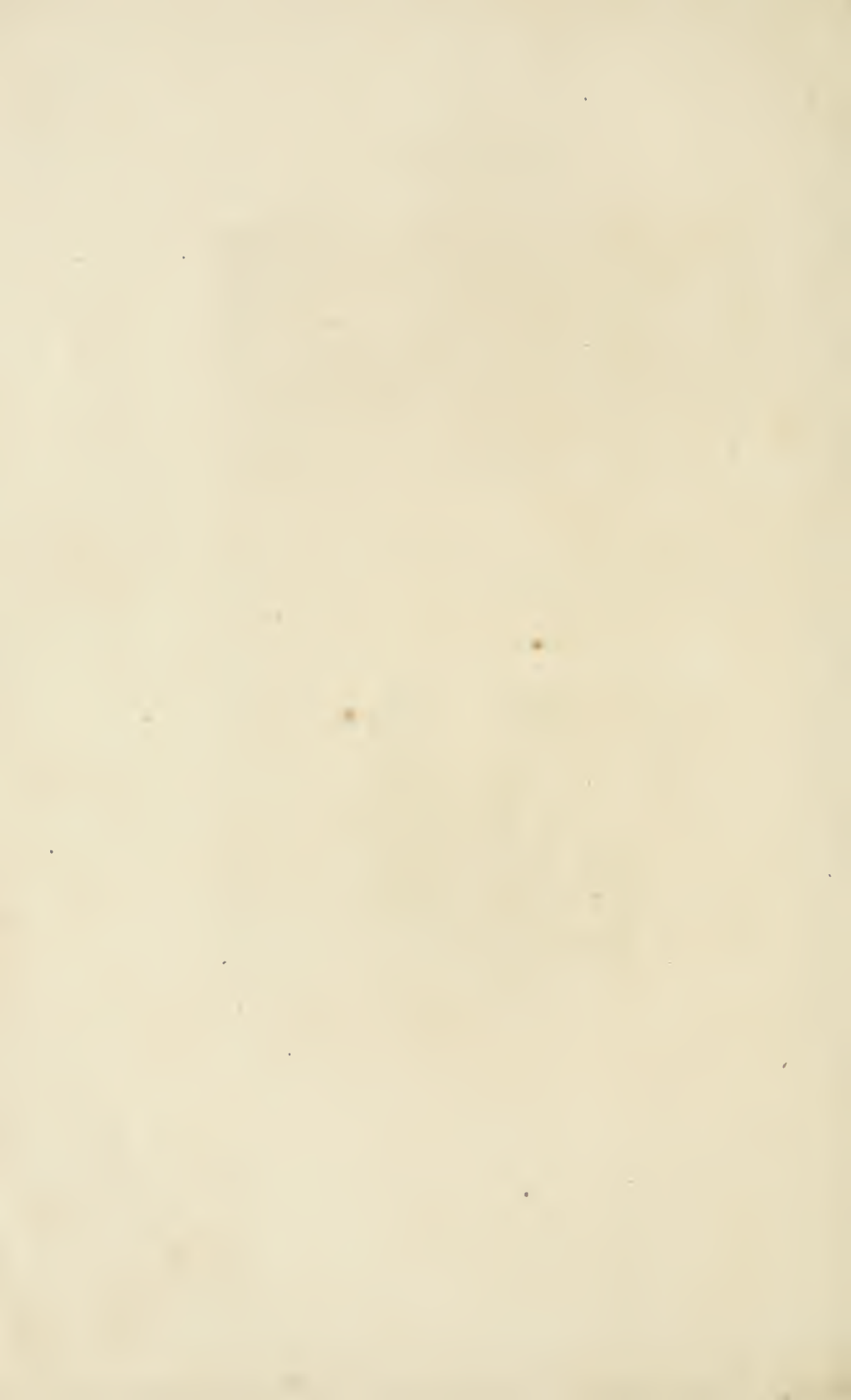
*

Ha trechos no livro que necessitam explicação prévia: Os *Tres da Gran-Duqueza* são as verdadeiras e unicas instituições do Estado. O poder mode rador que tudo abarca; o poder judicial que nos manda engaiolar no Limoeiro ou na Relação e o poder da *Joven Lilia* que é toda a massa anonyma de bachareis, ministros, socios da Geographica e da Marinha, chefes de repartição, creaturas estas cuja bagagem litterario-scientifica se resume na recitação do *Descrido* ou n'um soneto errado em qualquer revista illustrada.

Na *Semana das Eleições* veem dois sonetos que não pertencem a Marraschino & C.ª; o primeiro é de Gomes Leal e o segundo é de João de Deus. O seu a seu dono.

*

Está terminada a nossa missão. Marraschino & C.ª, sociedade trocista de gargalhada permanente depõe as pennas galhofeiras aos pés de Junqueiro, (não confundir os pés do Baptista)—o poeta colossal cuja lyra é um Hymalaia de tropos luminosissimos e aos pés de Bordallo Pinheiro — o implacavel demolidor d'esta sociedade apodrecida e balôfa. Ambos elles são uma força e foi á sombra d'esta honrada e gloriosa força que Marraschino teve a petulancia de flanar um pouco pelos dominios do escandalo alegre e da cebola.

Agora — á gloria ou até Cacilhas... com o Arrobas ou com o Januario.

edição que tencionamos fazer para o Brazil irá mais correcta — pois que a anciedade em que está o publico não nos deixa esperar pelas zincographias com que destinavamos illustrar a parodia, — vendo-nos forçados a deitar mão de figurões conhecidos no dominio da publicação.

E pedimos desculpa de qualquer defeito que por ahi se encontre, e que se não pôde evitar, attenta a pressa com que foi impressa a obra.

DECLARAÇÃO

(Ao «Correio da Manhã»)

Meus queridos amigos:

No *Correio da Manhã* de hontem, noticiando a proxima publicação da *Velhice da Madre Eterna,* citam vv. o meu nome, entre a pleiade dos illustres poetas, que tomaram sobre si a realisação d'aquella parodia a que eu sou absolutamente estranho. A vv. e a todos os meus presados collegas da imprensa que porventura hajam de reproduzir aquella noticia, rogo a instante fineza de a rectificarem n'este ponto, visto que me não é licito compartilhar glorias a que não tenho o minimo direito.

Sempre com toda a estima

De vv., etc.,

Joaquim de Araujo

Porto, C. de vv., 13 de setembro.

A impressão d'este livro foi concluida a 17 de setembro, dia dos annos do distincto poeta peninsular Guerra Junqueiro o auctor da VELHICE *e do* D. JOÃO.

AOS POBRES DE ESPIRITO

E' d'elles o reino do céo
ou uma conezia na Alfandega

I

A Madre está de ha muito apoquentada e triste,
Ella que outr'ora em Ourique e mesmo em Guimarães
Combatera infieis d'alfange e lança em riste,
Hoje, coitada! cae até da bocca aos cães!
E' o seu epitaphio este livro vehemente,
Escripto á luz da troça, escandalosamente,
Entre risos brutaes e chufas e dichotes,
Vermelhos *calembourgs* e frescas ironias
Onde o throno e o altar apanham piparotes,
E a Madre-Monarchia é posta em mil fatias.

2

Como um laivo de sol rasgando em cheio a treva
Ao som d'uma rizada e ao som d'um *triolet*
E' ornado o Zilu, emfim de rabo-leva.
Feitos de cascas d'alho e cascas de melão
E até mesmo vocês, madres do padre Zé!
Com a farinha da troça apepinadas são.
Não escapa ninguem na *rigolade* eterna
D'estes versos febris d'uma intensão moderna:
Nem padrecas, nem reis, nem lavrador's da Maia,
Nem velhas de capote e lenço de cambraia,
Nem cabos de policia e mais de segurança,
Nem mesmo o D. Quichote e mais o Sancho Pança,
O Marquez de Vallada e o conde d'Almedina,
O solidó da Granja e a troupe papa-fina
Chamada *Vida Nova* ou mesmo Vida Airada.

Musa de Juvenal ó desavergonhada
Deita as saias abaixo e até mesmo os calções
E em fralda de camisa, em frente ás multidões
Diz da tua justiça, ó musa ratazana!
Em nome de Deus filho e em nome de Deus padre
Prepara n'este livro uma optima tisana.

Que seja ao mesmo tempo o cantochão da Madre.

II

Amanuenses em flôr que viveis dia a dia
No quinto andar da Baixa e da Secretaria,
Vós que inda conservaes no peito o amor fatal
Por essa Carta que é constitucional
E outras vezes naipe em jogos de batota
E papel p'ra embrulhar pescadinha marmota.
A Carta! essa velhota ha bons cincoenta annos
Com calos de perdiz e inflammação nos *anus*

Quando não tem por fim outro mal que requer
Ou dois mezes em Faro ou xarope Gibert...

O' das repartições chefes e directores
Vós todos que adoraes a burra do orçamento
E morreis de paixão e estremeceis d'amores,
Por um dia trepar os degraus de S. Bento,
E ali poder zurrar asneiras aos milhares
Que causarão assombro aos ceus, á terra e aos mares!

Juizes de direito e ao torto dedicados,
Majores, escrivães, conegos, procuradores,
Continuos, cardeaes, sacristas e soldados,
Regedores e irmãos do Santissimo, doutores,
Camaristas d'el-rei, marujos, taberneiros,
Commendador's de Christo e mais da Torre e Espada
E mais de Regabofe e mais da Vida Airada,
Accionistas do banco, officiaes de lanceiros,
Guardas municipaes, gloriosos marquezes
Illustres por detraz e por diante ás vezes
(Hoje a baixo de Braga e amanhã—quem dera!
Em pesca de dragões na travessa da Espera)
Gentis homens da côrte e meninos do coro,
Bons para a ladainha e bons para o namoro,
Pares do reino e de meia; alferes, conselheiros,
Generaes de brigada e illustres mercieiros,
Sabios de guisa e estofo e sargentos com baixa
E ministros que usaes o cavaquinho e a graixa

Para que a augusta nau d'este Estado profundo
Não metta agoa dentro e vá de quilha ao fundo,
Governadores com peitilho reluzente
E bigodes marciaes, em triumpho ao Azul
E cuecas que jámais viram thesoira a Pool
Mas que são feitas pela a airosa mãe dolente
D'alfaiates gentis da rua dos Fanqueiros.
Empregados postaes, telegraphistas e
Pretas do mexilhão e mais da fava rica
Capazes de trocar pelo *jiripiti*
Toda a côrte do Congo e mãe Amalia á frente.
Gavroches que dizeis: *hom'essa cá me fica.*
Socios da sucia-dade alegre *A Geographia*
Que as colonias cataes com um ou outro pente
— Queixo do Luciano ou nariz do Pequito —
Um que foi a Berlim e o outro á Mouraria,
E ambos por fim um par de botas excellente.

Vós todos que abysmaes Frossos e Traz-os-Montes.
Satellites gentis d'esse cometa — o Fontes!
Tropa fandanga que é ao mesmo tempo a esteira
Da gran-pouca vergonha e mais da maroteira;
Vós que sois afinal a fina flor das tropas
Em bella guarda de honra ao deus o *Aç de Copas*,
O deus que se venera á viva luz de gaz,
Segundo ordenas tu, cavalleiro Faublás!

Jornalistas que sois genero-peixe frito
O' vós da capital de marmore e granito.
O' rutilantes soes do Caracol da Graça
O Mornys do Suisso, ó batalhão sagrado
Da *Jovem Lilia* bella e da nuvem que passa,
Dos versos do Vidal e bacalhau assado:

Escutae por uma hora e mais alguns minutos
A voz que não attende aos parvos e aos corruptos.
Somos da legião sagrada do Direito
E expomos muita vez o bronzeado peito
A's pontas dos punhaes e ás espadas d'el-rei.
Vamos alegremente á lucta audaz e accesa,
Ouvindo o cantochão funebre da lei
E d'outro lado ao longe o som da marselheza.
Escutae! escutae! o nosso brado alerta.
Vêde bem que este livro é uma janella aberta
Que deita p'ra o futuro e deita para a luz.
O latego da Ironia é açoite que reluz
Escutae! escutae! rapazes namorados
No brilho sensual da farda e da libré:

Tudo isto hade ruir, pares e deputados,
Os conegos d'Ajuda e os conegos da Sé.
Tudo isto hade ir parar á caza do diabo
Com varios murros bons e ponta-pés no rabo,

Quando se ouvir um dia o salve-se quem poder
E fugirem tambem allucinadamente
O famoso Zilu, pequenos e mulher,
Por não terem emfim, a bolsa cheia e quente.

Isto hade ser bonito! isto hade ser vistoso!
Ao levantar da feira o publico ancioso
Admirado ouvirá lamentações estranhas
De fazerem verter o pranto das montanhas,
Mas que nos farão rir, a nós, ás gargalhadas.
. . . .
. . . .
. . . .
Pobres d'espirito! eu lamento o vosso mal
Porque todos vocês estão trezentos annos
Muito atraz, muito atraz do nosso vasto ideal.
Continuae recitando a *Judia*, aos piannos
Sendo parvos até a mais não poder ser
E d'esta fórma *assim nunca nos venham vêr*...

*

Este livro de troça e ironias nervosas
Não canta os lirios bons e as dhalias gloriosas
A voz da cotovia e a luz da madrugada
Dos *reclames* d'amor que fazem as delicias
No *Diario* que se diz d'asneiras e *Noticias*.

Nós vimos processar em satyras vibrantes
Em ditos d'um vigor anavalhado e recto
As purpuras reaes que passam triumphantes
Calcando o Zé que dorme, exanime e quieto.
Monarchia! soou a hora derradeira
Tu vaes baixa á campa amortalhada em lama,
Entre o rouco latim da Biblia — a Pepineira
E anjinhos de papel e algodão em rama.
Tu vaes baixar á terra, á valla, ao nada ao chão,
Até sem epitaphio e até sem cantochão,
Sem padres a rezar atraz de mãos erguidas
E meninos de côro e irmãos de S. Francisco
Soltando pelo ar as orações sentidas:
Dos piedosos missaes todo o piedoso cisco
Que é uso. Monarchia! ó velha estonteada
Tu foste uma rameira, a mais desvergonhada
A mais reles talvez do lupanar da Historia:
Hoje deu-te um sarampo atroz! E a tua gloria
Vae occultar-se em breve entre as larvas sombrias
Com cinco pás de cal das nossas ironias,
A rufos do tambor da troça e da chacota.
Que longa procissão d'enterro! E' a batota,
E' a deshonra, a mentira, o vicio, a podridão
Os que pegam sómente ás borlas do caixão.
Coveiro! abri a cova á besta que se enterra
E deitai-lhe por cima alguns montões de terra.
Mas o povo virá depois por sua vez
Entre os dias crueis da sua indignação,
Visitar-te na campa, ó morto d'entremez!
E os *bouquets* de saudade e as corôas de paixão

Que irão depôr-te sobre a cova friamente,
Em fórma de pasteis estreitando n'um cone
Sabes o que será? ironia pungente...

A phrase com que Hugo eternisou Cambronne.

A MEZA DO ORÇAMENTO

I

Existiu n'outro tempo uma fé pura e ardente
Heroica, boa, audaz. Namorava-se a Gloria
Entre as luctas crueis e as viagens ao Oriente
Sem protesto do estomago. Hoje é já outra a historia.

A fé que a alma estoica enchia dos honestos
Que firmavam então — risonha ingenuidade! —
O amor e o desinteresse em heroicos protestos
Nas refregas crueis d'essa soberba idade;

Essa fé que os expunha ao perigo mais ingente,
Aos cumulos da dôr e ás pugnas vigorosas,
A formarem d'est'arte, heroica e virilmente
Toda a Odysséa emfim das luctas assombrosas ;

Essa fé que creou a magica epopêa
—Fonte de luz tão bella e vivificadora
Que ainda hoje dá calor á mais honrada ideia,
Occaso que hoje ainda esplende como aurora ;

A inigualavel luz que a nossa historia banha
E a cujo brilho sempre aviva a nossa esp'rança,
Ante o qual recuou o leão da mesma Hespanha
E o olhar amorteceu a aguia já da França ;

Anda hoje, coitada, a cahir aos pedaços,
Rota, perdida, má, sem norte e sem ideia,
Arredada da igreja e fugida dos paços,
Com medo da justiça e susto da cadeia.

Os antigos heroes deixaram-n'a sósinha
Exposta á irrisão dos filhos, mais sensatos,
Que reformaram já a pobre da velhinha
Com dous ranchos por dia, um catre e dous patacos.

II

Estes sim, estes sim: cansados de loucuras
Acharam que melhor, mais remunerador,
Era os p'rigos trocar em boas sinecuras
E mandar ao diabo o antiquado ardor.

Aos torneios gentis, ás loucuras sympathicas,
Preferiram então com mais entendimento
Uma manga d'alpaca e as luctas burocraticas:
—Hoje o caldo de Esparta é á meza do orçamento.

Foi que o diabo um dia entrando nas consciencias
Fez uma tal mistura á droga — Patriotismo —
Que não ha separar do puro, as más essencias
Que lhe deitou n'essa hora o diabo do Egoismo.

Dizem mais que foi visto, um dia, co'a Politica
Sua irmã, a colher uns certos ingredientes
No affan de produzir a limonada mythica
Que adormecesse o Zé e enchesse os influentes.

E surgiram então as estranhas visões
Alegres e ideaes, loucas, funambulescas,
Desde o bom mercieiro aos conspicuos varões
Na gula intemperada ás pechinchas fradescas.

Outros viram porém a hydra fumegante
Que o deus-Milhão esmaga e as finanças garrota,
Ao thesouro aos buléos co'a cauda flammejante,
Piscando um olho ao Hintze e outro á Bancarrota.

III

Velha idade da espada! Permitte-me, consente
Que te lastime agora! Acato o intimo foro
Dos Magriços d'então, mas hoje ai! um valente
Nem a um murro se expõe por causa d'um namoro.

Lê-se hoje outra cartilha: um moço *esperançoso*
Vê ante si abrir-se uns largos horisontes
Só com ter a fortuna em ser — supremo goso! —
Ou barbeiro do Lopo ou sobrinho do Fontes.

Ia tudo isto assim. Uns riam satisfeitos,
Outros, Catões *ad hoc* em magna contenda,
— Jeremias de frack e colleirinhos d'reitos —
Choravam-n'os a perda em threnos d'encommenda.

Mas já de serra em serra a voz altisonante
A um rufo de tambor accusa aberta a cova
Onde vae submergir-se a crápula infamante,
O veneno lethal. Nascera a *Vida Nova!*

Ficou o povo ancioso; e o Zé-cavalgadura,
Ao rufar do tambor, teve a famosa ideia
De idealisar a audaz, medonha catadura
Com que havia mostrar-se a nova Patuleia.

Mas ai! quando appar'ceu — oh suprema desgraça! —
A Patuleia... *mansa*, o Zé quasi encavaca:
Foi como lhe mostrasse alguem em qualquer praça
Um horrendo jaguar de cartóla e casaca.

IV

Emfim, 'stá posta a meza. Anda tu cá, ó Zé,
Deita-me lá p'ra longe esse maldito somno
E vamos a espreitar. Mas *schiu*! pé ante pé
Que não estorves a orgia: olha e não sejas mono.

Ao cimo está, bem vês, nedio, repoltreado,
Alegre e satisfeito, o candido Zilú.
Come muito? Bem sei, mas fica descansado
Que se não tens logar, quem paga tudo és tu.

Repara ainda no resto, ó pedaço de bruto,
E vê se não dá gosto em ser-se amphytrião
D'uns figurões assim, apezar do tributo
Que te esmaga e te arranca o sangue, a luz e o pão.

Tu julgas que era só possuires conselheiros,
Estadistas, barões e um raio que os parta,
Votar nas eleições e ter syndicateiros
Com grosso foguetorio e mais o hymno da Carta,

Sem ter de dispender co'os comparsas da farça
Os cobrinhos, maluco? Então cuidas, jumento,
Que se arranjam assim figurantes de graça
E é *modo de fallar* a meza do orçamento?

Pois bem, repara mais: era pequena a meza
E não é justo que alguem á mingua hoje nos morra;
Augmentou-se portanto; é uma emenda bem teza
Mas é enorme tambem a tribu do Basorra.

E' um gosto a gente vêr estes damninhos bichos
A roer, a roer! Comem como animaes.
Se a conta fôr salgada,—ou faltarem os nichos—
Apanhas ainda este anno uns 6 de addicionaes.

E anda-me sempre assim co'esta tropa, brejeiro,
Que emfim se irreverente um protesto te escapa
Contra este phylloxera audaz do teu dinheiro,
Absolve-te o peccado o bom prior da Lapa.

E ahi, tens meu amigo, a alegre bambochata
Das altas regiões, soberano marmanjo,
A quem esses varões fazem bichinha-gata
E depois mandam á fava após logrado o arranjo.

Se não gostas porém d'essa alegre folia
E não te dá prazer o lhes servires á meza,
Brinda um dia por fim a alegre companhia
Co'um cipó 'stimulante—e entôa a Marselheza.

A ALBARDA E O SYNDICATO

No Terreiro do Paço e proximo á Arcada,
Em frente ao D. José e ao seu cavallo preto,
A multidão olhava atonita e espantada
Um jumento com ar soberbo, firme e recto
Que, de focinho ao céo em zurros lamentosos
Mostrando a dentadura, uns bons dentes famosos,
Para orgias de palha e outros alimentos
Dizia ao mesmo tempo, em gestos violentos
Na febre da paixão palavras nunca ouvidas...
Cahira a tarde. O sol côr de manteiga ingleza
Orchestrava no espaço as notas doloridas
D'uma tremente luz eivada de tristeza.

O céo era um barrete enorme de papel;
E francamente d'uma estupidez tamanha
Que mais parecia ser obra do Brito Aranha
Collaborando com Alberto Pimentel.
Em frente da entrada aberta aos ministerios,
Paravam discutindo, em roda os homens serios
Que usam ao peito a dhalia azul das intrujices
Ou a flôr do desaforo ou a flôr das rabulices.
O Tejo recitava alegres redondilhas,
Em requebros d'amor voltado p'ra Cacilhas.
Algum amanuense alegre que passava,
D'esses que muita vez a gente manda á fava,
Com ares rócócós e fórmas indolentes,
Cumprimentava logo em curvas d'espinhaço
O director que vae a palitar os dentes
E um certo ar gentil de *mana acerta o passo.*

E o jumento a zurrar em grita desconforme
Gritou:
«O' multidão ouvi meu brado enorme
Sou a estrella que guia em descampados montes
O Vaz Preto e Braamcamp, Casal Ribeiro e o Fontes
Sou o novo dador pintado a oca e a graixa,
Assombro de Peniche e mais da Beira-Baixa.
Sou eu que inspiro a musa ao Thomaz das cantigas
E á Gabriel Claudina ato de noite as ligas.
Sou eu qne represento a luz do pensamento;
O preclaro orador do nosso parlamento.

Sou eu que os fundos ergo á cotação mais forte
E àccionista maior da Companhia do Norte
Sou eu que distribuo as cartas de conselhos
Sei o Codigo Penal melhor que os evangelhos.
Leio a *buena-dicha* a muitos figurões
Em especial quando é epocha das eleições.
Sou eu que represento em toda a linha o vicio,
A muza do Vidal e a prosa do Melicio.
Sou eu que firo a nota alegre ao padre Zé,
Nas cerimonias mestre e illustre no crochet,
Um digno confrade ao que se affirma e diz
Do monsenhor Serrano e do Garcia Diniz.
Sou eu que guio toda a juventude á pandega
E barbeiros emprego em logares da Alfandega.
Sou eu que dicto até n'este paiz de trolhas
Ao baixo Lopo Vaz a grande lei das rolhas,
Sou eu que ando remindo emfim vossos peccados
Impostos, eleições, *accordos* e acordados.
Sou eu que ando salvando a podridão de cima
Com xaropes de prisão para Magalhães Lima.
Sou o burro ideal que sem libré ou farda
Ao paiz pela bocca augusta do Marianno
Proclamei ovante o reinado da Albarda.

Um burro que merece uma valsa ao pianno!

Mas n'isto surge a um canto um matulão famoso
Que grita d'esta fórma em tom victorioso:

»Vinde burras e burros de Cacilhas,
Vinde a gloria alcançar que vos acena
Pedi que vos apertem bem as cilhas
E ao som do *choradinho* entrae em scena.
Vinde de Cintra acreditados burros
Por quem a fama na trombeta berra,
Cantando a vossa gloria, os vossos zurros
Que dão renome da queijada á terra.

Vinde em largo trotar, vinde tambem
Illustrissimos burros que zurraes
Desde o Paço d'Ajuda ao Borratem
Orgulhosos de velhos atafaes.
Vinde burros da Moita e Cruz-Quebrada
Burros de Gaia que *pintaes a manta*,
Burros da Vida Nova e vida airada:
Outro valor mais alto se levanta.

Eu sou o Syndicato, o Grão-Arranjo,
Accionista de trezentos bancos,
O Topa-a-Tudo, o festival marmanjo,
Dá vista aos cegos, sara os pés aos mancos,
Arranca os dentes á Fazenda Publica,
Deita pingos até nos orçamentos
E capaz de fazer, proclamo aos ventos
Uma pega de cara na Republica.

Logar ao Syndicato, gentes varias
Que semeaes a intrujice em barda!
Grandes heroes das penitenciarias
E tu amigo meu, Senhor da Albarda!

Mas o jumento que é personificação
De toda esta safada e reles situação
Elle que faz a graça e distribue a rodos
As condecorações e os empregos todos.
Elle que tem de ha muito estropiado e velho
O grande tosão d'oiro e a carta de conselho
Elle que é toda a gloria illustre de S. Bento:
—Concentração ideal de todo o ideal jumento...
Deitou a bom fugir pelas arcadas fóra
E foi pela rua d'Oiro até pela Boa-Hora

Passou pela Havaneza e praça de Camões
Mais rapido e veloz que um corvo ou uma perdiz
E foi parar depois de muitos trambolhões
Ao palacio real do rei do Calhariz
Cujos os bicos da c'roa assombram os horisontes :

O Pae de todos nós e mais alguem,—o Fontes!

Emquanto o tal jumento a bom fugir corria,
O syndicato illustre os passos lhe seguia
E mui pouco depois parou em frente ao burro
A quem lhe pareceu este negocio esturro.
Mas o Fontes ao ouvir um tal barulho assim
Veio á janella vêr a causa do chinfrim
E olhou cheio d'espanto a Albarda e o Syndicato
Qual de baixo e de cima. E cae com um flato,
Elle o novo Pombal, como assegura o Sergio,
Elle o santo varão! elle o varão egregio!

«Por quem são, por quem são! beijoquem-se meninos,
Querem tripas, café, salada de pepinos?
A Cuenca do salero e os maviosos cantos?
Uma espera de gado, á noite, ao José dos Santos?
O menino virtuoso, a Persia e o infinito,
O imposto do sal, o nariz do Pequito?
Ou esse monstruoso e babylonico eixo
A que Luciano chama o seu amado queixo?

Por quem são! por quem são! vão jogar o chinquilho
Olhem que vos atiço ás pernas o Karrilho.
Tenham tento e juizo, acomodem-se pois
Qualquer de vocês sabe de ha muito o nome aos bois.
Olhem a opposição se sabe do pagode
Eu é que era depois o expiatorio bode.
O' Syndicato vá! Albarda, meus rapazes
Ao Custodio Miranda! e ahi façam as pazes
Afogando as crueis palavras e verdades
No que ha de melhor no Armazem dos Frades,
Mas se querem porém pinga excellente e boa
Provem da garrafeira — o porto Lisboa.»

Foi dito e feito. E agora em abraço d'amisade,
Passeiam em boa paz nas ruas da cidade,
Escrevem madrigaes e vão beber do fino
Em Vendas Novas com o preclaro menino;
Trocam beijos d'amor em doces serenatas
No Terreiro do Paço, o céo dos burocratas.
Simplesmente ao meio alegre d'esta festa
Se ouve na escuridão não sei que voz funesta
E magoado clamor soa de vez em quando
Como um trovão que vae pelo azul todo echoando:

E' o Zé Povo albardado, o Zé que chora exangue,
De estomago vasio e co'os ilhaes em sangue.

GRANJOLAS

Ao meio d'uma praça eu vi uns cães tinhosos
Sobre um monturo vil, em plena madrugada,
N'uma soffreguidão a devorar gulosos
Alguns kilos talvez de carne gangrenada.

E todos á porfia, aos saltos, furiosos
Sobre os pedaços bons tinham a mão deitada.
Famintos e crueis latiam ambiciosos,
N'uma biblica fome e ancia amargurada.

Lembrei-me de vocês, politicos *com ellas*
Que discutis ahi por beccos e viellas,
N'uma phraseologia immunda de bordel;

Na unica intenção das postas e arranjos
Se vos pertence ou não, ridiculos marmanjos!
O santo pavilhão que ergueu Passos Manoel.

ZILU

—

Artigo 6 da carta que nos rege.

Zilu, Zilu, obeso figurino,
Excellente pessoa, um pouco loira:
Tu que bebes do bom e mais do fino,
Vê se a castanha em tua bocca estoira.

Rasga a carta em pedaços. Manda á fava
Ministros, bachareis e deputados:
Liberta a tua alma inda hoje escrava
De vivas, salvas e papeis sellados.

Deixa a soidão d'Ajuda e adjacentes
E mostra ao mundo, á multidão e ás gentes
Que não tens contra nós cruel litigio.

Demonstra meu rapaz creado a nitro,
Que hoje começas pelo decilitro
Para acabares no barrete phrygio...

O COMPADRE TRISTÃO

Toda a gente tem medo ao vêr ás horas mortas,
Por cima dos quintaes, das frestas e das portas
Algum feio papão vestido como um frade.
Não te rias porém, parvonica cidade!
Ha um outro phantasma, um espantalho enorme
Que no quartel do Carmo habita, come e dorme
Devora em meios *beefs* suas indignações —
E toma o seu café e faz as digestões,
E como um domador terrivel de bichanos
Coitado! muita vez sobre os republicanos
Corre como sendeiro em furias de leão:
—Chama-se simplesmente o compadre Tristão.

4

RESPOSTA Á CARTA

Monarchicos, ouvi a minha voz severa:
Dentro da vossa Carta, essa carta em que impera
O predominio audaz de dous poderes disformes,
Não podem lá caber os ideiaes enormes,
Estas aspirações augustas da justiça
Que desceram de ha muito á fumegante liça
Onde o direito anda em lucta ao Privilegio
N'um combate cruel, supremo, altivo e egregio.

Padres, é outra a luz que illumina triumphante
A consciencia do Povo, o eterno caminhante
Que ha seis mil annos anda em busca da Verdade
Aconchegando ao peito a tenra Liberdade.
Reis, é já outra emfim a lei que hoje nos guia:
'Stá gasta e carcomida a vossa Monarchia,
Equilibrada só por duas forças gastas,
Do moderno ideial as sórdidas madrastas.

—E' a igreja e a estupidez. Em tão vetusta idade
Não nos vale sequer a irresponsabilidade,
Essa carta adorada, o codigo ratão
Que vem fazer de nós catholicos romanos
E dobrar-nos a espinha ante os gentis sob'ranos,
E vos finge, *senhor*, um rei de papelão;
Carta que até merece as honras e os respeitos
Da bureaucrata gente e de uns tantos sujeitos
Que têm n'ella por fim o seguro penhor
Do luzo regabofe e a pandega melhor,
Traz-nos acorrentada a Consciencia, ó reis,
Aos artigos fataes d'umas famosas leis
De que é mãe, protectora e base creadora.
Eu supponho porém que bem melhor nos fôra
Que o celebre dador, ao vir comer as sopas
Amargas do exilio, em vez da vossa Carta
O' caterva gentil que andas de pança farta
E a lusa cevadeira a cada passo topas,
Nos tivesse legado as paginas brilhantes
D'uma edição melhor das *Cartas dos amantes*.

Tu verias tambem se era ou não folheada
Essa obra ultra-fina, e o marquez de Vallada
Não lia dia e noite, apostura severa,
Os idylios gentis que haviam desbancar
O nome de Heloïsa, e o assombro causar
Desde abaixo de Braga á travessa da Espera.

Pobre Carta, tu tens um tal feitio agora,
Perdeste ha tanto já o teu antigo viço,
Que se te estima alguem, se emfim alguem te adora,
E' que ainda tens valor p'ra prestar um serviço.

O' velhota, valeu-te o bom do Caro Fontes
Que te lustrou ha pouco e te deitou remontes.
Pódes pois appar'cer sem grita e sem escandalo
Sem receio que emfim um dia qualquer vandalo
Te dê uma gebada ou te mande ao diabo
Com dous trunfos na face e um pontapé no rabo.

Aproveita portanto: é boa e curta a vida
E esta gente moderna é mal agradecida.

O CONDECORISMO

Condecoraes: lançaes ao peito uma medalha
Sem saber se é honrado ou se é um vil canalha
Aquelle que a recebe. E ficaes satisfeitos
Por terdes arrastado uns centos de sujeitos
Ao gremio mau, sem luz, aonde encheis a pança
Na mais immunda, e porca, e cebenta abastança ;
Porque vós só sabeis, politicos marmanjos,
O *venha a nós* infame a que chamais «arranjos».

Vós fazeis conselheiro um reles taberneiro
Porque o merece? Não. E' que elle com dinheiro
Hade ir comprar a vossa ardilosa commenda
Para assim ficar sendo uma besta tremenda.

Por isso hoje o Fonseca, o Silva, e o Campeão
Para dar honra e lustre á nossa monarchia
Vende a gran-cruz de Christo e mais da Conceição
Com cautelas de seis da nossa loteria.

A ARVORE DA LIBERDADE

Lançara-se a semente ha mais de seis mil annos
Nas plagas do Oriente.
Mas iam-n'a pisando os deuses e os tyrannos
N'um furor inclemente.

Ao designio fatal quem a roubou por fim?
Foste tu, ó Judêa,
Que a regaste com pranto e a acalentaste alfim
A' luz da nova ideia,

Por onde ia a tua marcha heroica e desgraçada,
Foragidos do Egypto,
Lá ficava n'ess'hora a semente abençoada,
Nobre povo proscripto.

D'essa maldita noite escura e assustadora,
Tumular e sombria,
Vinha rompendo a luz da nova aurora,
A luz d'um novo dia.

No transcurso do tempo a arvore bemdita
Altiva e viridente,
Já acolhe á sua sombra a humanidade afflicta,
Audaz, triumphalmente.

Na Grecia até Homero, o divinal cantor;
Uns seculos apenas
Com Lycurgo em Sparta, o audaz reformador,
Com Solon em Athenas;

Em Roma ainda com Bruto e os Scœvolas, até
Gracchos e Catilina,
Vae colhendo o vigor da inabalavel fé
Que os alevanta e anima.

Vêm tempos melhor's; redobra a lucta e o fel,
Crescem os vendavaes;
E ella ainda mais florindo entre o fragor cruel
Das luctas mediavaes.

Leva o vento da Ideia ás regiões distantes,
Desde o Nilo e a Grecia,
As sementes do Bem, febris, hilariantes,
A's montanhas da Helvecia.

. . . .

Liberdade! Arvore altiva, magestosa e nobre
Que todo o mundo alcança;
Cujos ramos viris todos os povos cobre
E o tronco é ali—na França;

—Este ramo d'aqui, do extremo do Occidente
Já não tem primavera:
Definha o pobresinho e creio-o bem doente,
Talvez de phylloxera.

Conselheiros d'estado e jesuitas, reis,
Ministros, deputados,
Dous milhões d'amanuenses, um de bachareis,
Meio d'aposentados,

Conegos, empreiteiros de truz e jornalistas,
Archeiros, generaes,
Magistrados, actores e actrizes-coristas,
Lentes, e officiaes,

Toda essa bicharia, essa cohorte infinita
De comilões gulosos,
Mina, suga, róe, retouça e agita
Os dentes impiedosos.

Mas o bicho damninho, mais mortal, porém
Essa larva maldita
Que minando destroe todo o fructo do Bem,
E' a larva-jesuita.

E' preciso enxofrar em quanto é tempo, ó Zé...
Attende á nossa supplica :
Vae o enxofre buscar, á loja em que ha mais fé,
A' loja da Republica.

A SEMANA ELEITORAL

Não podendo mais tempo estar empoleirado
No meio d'uma praça,
Olhando p'ra quem passa,
Camões resurge um dia e vem pé ante pé
Vêr o que ha de novo e visitar o Zé,
Esse revolucionario,
Que ha cinco annos lhe fez soberbo centenario.

Pairava-lhe no labio o riso que fulmina
E o sobrôlho franzia em mal contido horror.
E na rua do Alecrim, mesmo ao voltar da esquina,
Avistou caminhando a rufos de tambor,

Entre lanças, canhões e soldadesca augusta
O illustre Costa Apita em attitude adusta.
Seguiam este tropel varios carneiros mansos,
Duzias de malandrões chapados e alguns tansos.
E Camões contemplou um pouco aquillo tudo
Que tinha um ar de feira ou *cegada* d'entrudo.

O' dia de eleições! dia do peixe frito!
Dia do regabofe e mais das patuscadas
Dia do venha a nós! ó dia das *taxadas!*
Dia da malta fina e mais dos pataratas
Onde o eleitor erguendo as mãos ao infinito
Vae votar e comer carneiro com batatas
E que depois de ter na urna depositado
O voto; vae n'um instante ao bacalhau salgado
Servindo d'esta fórma a patria e o bandulho...

O armazem da esquina e o heroe do estadulho.

Camões olhou pasmado a terra dos valentes
Que elle outr'ora cantára em versos vehementes,
Em rimas côr de sol como granadas d'oiro,
N'um livro, o nosso assombro e precioso thesoiro
E toda a nossa força e toda a nossa gloria,
Unico pharol por nós erguido sobre a Historia.

O' Camões! ó Camões! athleta que projectas
No cadaver da patria a sombra d'outras eras,
Lyra d'oiro e crystal, fina flôr dos poetas,
A derradeira luz das brancas primaveras,
Que illuminaram outr'ora os claros horisontes
D'esta terra que é hoje o feudo do Pae-Fontes.

E Camões percorreu as ruas da cidade,
As avenidas, caes, calçadas e travessas:
Em pillecas chinfrins passava a sociedade
Do *demi-monde* com baratas viscondessas.

A' porta d'uma egreja um ebrio empoleirado,
De meio litro ao ar dizia o borrachão:
— Aqui o voto livre, a pinto ou a cruzado,
Caldeirada d'eiroz! votae na opposição

Mais abaixo, um sileno aguardentado um pouco,
De chapeu d'aba larga e cinta e calça á faia,
Cara de malandrão, gritava quasi rouco,
Na giria mais cruél da conspurcada arraia:

—Aqui rapaziada! aqui ao bom phalerno,
Votos de cebolada e mais de cebolorio,
Ha a rodos dinheiro. A' lista do governo,
Votae no mui gentil senhor José Gregorio.

E enojado Camões seguiu ruas e praças
E atravessou e viu todas as grandes massas
Até que finalmente á volta d'um caminho,

Achou-se frente a frente ao Heroe do Cavaquinho,
Pombal de papelão, ou de louça vidrada,
O rei da reinação e mais da patuscada.

. . . .

. . . .

Deram o braço os dois, sem phrases encortadas,
E o Caro prometteu-lhe alegres gargalhadas

Na peregrinação de capella em capella,
Afim de elle vêr bem as scenas vergonhosas
Do dia d'eleições, o dia da piella,
E andaram vendo tudo o que ella acclamava
A urna eleitoral — urna de palha e fava.
Vendo os mortos surgir da campa com as listas
Debaixo da mortalha e em S. Paulo ou Paulistas
Votarem no governo oh! céos que forte riso!
Por um bello logar na geral do paraizo.
E em frente a cada egreja a tasca onde se diz
«O' eleitores á urna e aos caldos de perdiz»
E outra tasca rival proclama em lettra gorda
—«Eleitores é aqui que o illustre Papa-Assorda
Distribue á mão cheia, os votos e os tostões.
Ao decilitro, pois, ao vinho e ás eleições!»
Que borga do diabo! aleijados sem pés
E aleijados sem mãos votando nas Mercês.
Paes de familia vão aos bandos e em tropel
Votar por um qualquer logar de bacharel.
Veem Agramonte em pezo ou Alto de S. João
A's ordens do governo e mais da opposição;
Vem mudos de nascença e cegos, á sucapa
Votarem como ordena o bom prior da Lapa.

E o Caro demonstrou a Camões espantado
De que era feito emfim um reles deputado;
Qual a materia e a arte em que bem se equilibra
Um pae da patria eleito,—a cada voto a libra.

Mas o illustre cantor de toda a nossa Historia
Quiz ainda vêr um pouco além toda a gloria
D'esse cousa chinfrin, o parlamentarismo,
Cujo nome melhor seria — o caiporismo.

II

Cahia mansamente a tarde. No Chiado,
Marialvas de tom e ar apalermado
Faziam gentilmente as phrases do costume:
Sobre o *pschutt e v'lan*, cavallos e estrume:
A Maria Julianna em bom coupé de molas
Fazia entontecer varias cabeças tolas;

Pequenas da Carlota e da Antonia Morena,
Cheias de *poudre de riz*, rescendendo a verbena,
Mostravam a biqueira envernisada e fina,
Atraz d'ellas trazendo a *troupe* papa-fina

A sucia dos *gommeux* que junto ao Magalhães
São o que ha de melhor e especial em pães.
Marions Delorme com passagem por Abrantes
Exhibiam á luz, as fórmas triumphantes
D'antigas serviçaes e amas aposentadas.
Burocratas da côr das amarellas tochas
De sujos *plastrons*, calças afuniladas,
Badine d'um Bazar barato e de galochas
Discutem sobre a Hespanha, em phrases femininas,
E fallam do Bismarck, e ilhas Carolinas.
Que enorme pepineira! e o Caro dando o braço
Ao pobre do Camões moido de cansaço,
Explicava-lhe bem a multidão á toa
D'essa cloaca que é de marmore e granito,
A que alguem pôz o nome estranho de Lisboa,
Mas que é simplesmente a terra onde o Pequito,
O Luciano, o Cócó e o Justino Soares
Flanam dando-se ares.

N'isto passa montando um cavallo andaluz
Uma creança em flôr, d'um loiro que seduz,
E n'uma saudação d'um valor infinito
Cumprimentou Camões o illustre pequenito.

«O' Simãosinho louro, ó bom petiz galante
Que um dia percorreste as tres partes do mundo,
Tens feito estudos taes no curso de reinante
Que nos enches de pasmo e d'assombro profundo.

Tu já foste a Berlim, á China e á Dinamarca,
Tu discutes o cebo e rolhas e orçamentos,
Tu conheces até quaes são os quatro ventos,
Sahiste-nos emfim um chischisbeu de marca.

Já não és como outr'ora em dias semsabores
Na phrase consagrada um dos reaes penhores,
Bijou de biscuit e pecego sem pello...

Agora és melro fino, affirmam as gazetas,
Conquistas cada hora oitenta Julietas,
O' louro Simãosinho és *d'alto lá com elle.*»

....
....

Ao fundo do Chiado olhou e viu depois
Um famoso Catão que sabe o nome aos bois,
De braço dado com um passaro bisnau
Do comico *trop tard* e da corrida *a pau*,
Um catão disfarçado hoje em *Baralha Tudo.*
Mas o Principe Caro, elle o sabio profundo
Que a barca da nação dirige a salvamento
Para as plagas sem fim do *venha a nós* e o arranjo,
A Camões explicou — ouvi leitor, attento,
Quem vinha a ser aquelle heroico e bom marmanjo.
«Houve outr'ora um Catão, todo elle feito d'aço
Que a vêr navios pôz a Camarilha e o Paço.

Catão que certa capa encheu de mil rasgões
Porque lá entendeu ser *capa de ladrões;*
Catão que não quebrava e nem sequer torcia
Quando se punha em pé contra a patifaria;
Catão de quem direi sem receio nenhum
Ter vindo para cheiro ao mundo apenas um;
Finalmente um Catão de cebo que nas labias
E' completo heroe e um homem das Arabias.
Pasmava o mundo ao vêr-lhe a fera rigidez
Provada muito bem e já por muita vez.
Até n'um só pensar, julgavam os Bazorras
Impossivel domar audacias tão cachorras.
Mas um dia por fim augmentou-se-lhe a crista
E surge empoleirado em grande accionista.
Pasma, grande Camões! do audaz empalmador
O da corôa bicuda, esperto e grão-senhor
E faz côro com o Zé na dôr que desafoga
Pranteando um Catão que d'esta deu em droga...
Diga alguem se já viu coincidencia assim!
—Em drogas começou e em droga deu por fim».

Camões voltou-se para o grande accionista
E escreveu sobre o peito ao pallido farcista
Um soneto capaz de arrebentar o craneo,
Obra d'um vate que é nosso contemporaneo:

«O' livido Marianno, ó grande pescador
Que andas pescando El-rei e mais os seus meninos.

Cunhado do Vidal que em seus alexandrinos
Cantou a flôr da tilia, o amanuense e o amor.

Como eu simples mortal não sou commendador
Nem te respeita a prosa, as cifras e os supinos
Eu heide-te caçar as cascas de pepinos
E plantar na tua alma um pepinal em flôr.

No entanto como estás já perto do poleiro,
Em ti cravam o olhar Bismark e o mundo inteiro
Eu peço-te um favor unico, estranho até:

Eu peço se não vae d'encontro á Economia,
De encontro ás tradições ou contra a Academia,
Que banhes a Consciencia, á noite, no *bidet*.»

Não mais disse Camões. Mas o Principe Caro
Quiz-lhe mostrar um bicho extraordinario e raro
A quem uns chamam Zilu, archanjo de Belem
O heroe da fava rica e o regio traductor
E esplendido Czar d'Alverca e Sacavem,
Senhor do seu nariz e mais de Rio-Maior,
Que ama a Eva da scena, uma flôr preciosa
Que muitos dizem ser uma fanada *rosa*.
O nosso epico estacou ao vêl-o de carroagem
Depois cumprimentou o loiro personagem

E enviou-lhe em seguida este bello soneto
Obra d'um vate que é mui nosso predilecto.

«Em Pungo Andongo a flôr dos tyranetes
Um dos que melhor soube o seu officio,
Por honra do seu throno, não por vicio,
Dispendia milhões em beberetes.

«Comprava bancas, comodas, bufetes,
Trastes sem conta d'um valor facticio
E a pretalhada, grata ao desperdicio
Dava-lhe o resto em bombas e foguetes.

«Era uma estoirada todo o dia
Com gaudio de moleques e basbaques,
Que lhe não ganha a nossa artilheria.

«Por isso embora se chamasse Jacques,
Em memoria de tanta estoiraria
Passou á historia pelo *rei dos Traques.*»

III

Olha em volta Camões. A burguezia ignara
Desliza n'um vaivem ou funebre compasso
Desde o Terreiro do Paço
A' travessa da Cára.

Ondas de matulões, rameiras e gallegos,
Jornalistas de tom, e cotovellos rotos,
Tabernas e bordeis, casas suspeitas, *pregos*
E egrejas onde estão alguns padres marotos.

Nas vitrines com gaz espanta-se o povinho,
Garotos quasi nús gritam *Jornal da Noite*,
D'uma taberna vem uns halitos de vinho
D'um reles bebedor feroz como um açoite.

Caem sombras crueis na lividez das cousas
E meretrizes vão com risos obscenos,
Tendo no olhar parado a lividez das louzas,
Dando toques, signaes e lubricos acenos.

Pedro quarto repouza erecto na columna
E o *Calcinhas* passando a vadiar á tuna
Leva no labio o riso especial de idiota.

Passam Ripperts, coupés, americanos, carros,
Seabra espera á esquina os seus ideaes mais charros
E o *José Maria* puxa as cartas na batota.

Eis a noite em Lisboa! a loba parvoneza
Que se veste no Keil um quasi nada á ingleza,
Cidade sem tendões, a capital da lama
Que sómente a *Cuenca* aquece exalta, e inflamma.

E Camões a tremer de raiva e de desgosto
Vendo-se ali talvez á troça quasi exposto
Subiu de novo então ao pedestal sombrio.

E como n'uma rua um magro cão vadio,
Sobre o monturo alçando a perna... faz justiça,
Camões, alma de sol que o amor da patria atiça
N'um brilhante clarão e n'um braseiro intenso,
Olhando da Cidade esse monturo immenso
Tudo podre, a cahir, ruinas, pepineiras,
Os Luziadas p'ra uso e applicações caseiras,
O velho do Rastello hoje a vender cautellas,
A Nathercia a servir pratos d'iscas com ellas
N'uma tasca que abriu ha pouco o Adamastor,
Com vinho do Cartaxo e *verde* do melhor,

Atirando bem longe os *Luziadas* vibrantes,
Desce abaixo os calções e acocorado sobre
As praças e arsenaes, calçadas e mirantes,
Exhibindo o trazeiro, esse epico e bom odre,

Fez sobre tudo aquillo. E a immensa multidão
Ouviu-lhe estrondo egual ao ronco d'um trovão...

A NAU DO ESTADO

Na pobre nau do Estado — um chaveco com rombos,
São tantos os caixões com cartas de conselho,
E' tanto o disparate e tanta asneira aos tombos,
A carga é tão pesada e o navio é tão velho;

Gran-cruzes aos montões, commendas aos milhares,
Syndicatos chinfrins, e ricas equipagens,
Merceeiros, barões, deputados e pares,
Os meninos de côro, os escrivães e os pagens,

Toda a guarda real d'archeiros tendo á frente
O Mesquitella ideal na graixa e nos namoros,
Irmãos de S. Francisco e S. Engrola-a-gente
Uns de corôas de louro e outros mer'cendo lóros.

São tantos os chinfrins heroes condecorados,
São tantos os Cócós, os Barros e Burnays
E tantos co'o diabo! os bachareis formados
Os lobos do orçamento e os sabios de cafés;

Atulha de tal fórma o casco do navio
Esse enorme tropel d'illustres estadistas
Que tem simplesmente o cerebro vasio
E com opiniões preclaras de dentistas:

Que a pobre nau outr'ora ovante entre as procellas
De pavilhão erguido ao sol de mil combates
E que impunha o terror a quatrocentas vellas
E que foi do Brazil triumphalmente a Euphrates,

Está de fórma tal um estafermo immundo
Tão corcomida e podre, oh! assombrosa magoa!
Que não póde hoje ir do Aterro ao Dáfundo
Que na prôa ou na ré não metta dentro agoa.

CALEMBOURG

Politicos! possuis tanta impostura e ronha
Tendes tal corrupção e tanta desvergonha,
Que é incrivel até que o pobre Zé-Povinho
Não se tenha aviltado em lodo e em peçonha
E não se denomine emfim o Zé-Burrinho.

LADAINHA DE S. BENTO

Principe Caro

Bemdita seja toda a santissima pandega!

A Maioria

Os syndicatos, mais os logares na Alfandega!

Principe Caro

Bemdita seja toda a sucia dos caipiras.

A Maioria

Bemdita a reinação d'impostos e hetaïras.

Principe Caro

Bemdito seja toda a corja da intrujice.

A Maioria

Bemdito o *Venha a nós*! Bemdita a sabujice!

Principe Caro

Bemdito seja quem se entrega ás mãos dos padres.

A Maioria

Bemdito este chinfrim reinado de compadres.

Principe Caro

Bemdito seja sempre o lema — *Faz-me arranjo!*

A Maioria

Bemdito seja quem sustenta este marmanjo.

Principe Caro

Bemdita seja a Carta e a podre monarchia.

A Maioria

E a carneirada vil chamada a Maioria.

COMO SE FAZ UM DEPUTADO

I

Elle era um pobre lôrpa idiota. Eu conheci-o;
Trocista impenitente e tropego vadio;
Ao vento, á chuva, ao sol, cantando doidamente
Umas canções banaes repletas d'agua-ardente;
Atravessando á noite as florestas antigas;
Dormindo a boa sesta ao pé das raparigas;
Mettendo na algibeira alheia as mãos, usadas
Pelo manjar soez dos rubidos *valladas*;
Aos primeiros clarões vibrantes da alvorada
Viam-n'o caminhar, cambaleando na estrada,

Acordando a analysar e a rir os estorninhos,
Os pardaes nos beiraes e os melros nos seus ninhos,
E á tarde, quando o sol, o extraordinario Fausto,
Se esconde na montanha ensanguentado, exhausto,
Para tombar, qual rei, nos braços seminus
Da Margarida-Imperia, — a morte, o ermo da luz,
Elle ia então sosinho e alegre como um gato
Conduzia a beber ao turbido regato
Em vaias de poltrão, os gordos parasitas
Que lhe andavam no corpo a um como farcistas,
Correndo ao arrepio a *grenha* mil disforme
E o *solitario bosque*, esse bordel enorme.
Elle era emfim o heroe das aventuras loucas,
O heroe do *panno verde*, o imperador das *toucas*.
Rachitico, enfesado, o misero poltrão,
Fazia-me lembrar o classico Balaão
Em miniatura.

II

Um dia, o pae, um bom visconde
Chamou-o ao pé de si, e disse-lhe : «aonde
Vaes emfim mergulhar essa existencia vil ?
Andas magro ; bem vês que assim n'esse covil
Do vicio a que te arroja essa perversidade,
Não pódes viver muito ; anda, vae p'ra cidade,
Arranja uma commenda, oiro tens tu que farte :
Orneia nos jornaes, corre por toda a parte
Onde o orgulho vencer e a razão não fôr !
Não ha nada melhor que ser commendador !
'Stão perto as eleições e o bom do Zé Povinho
Que anda sempre a gritar por falta do bom vinho,
Hade gostar de ti. Tu sabes, meu rapaz,
Beber como ninguem e *micar* bem n'um áz.
Deixa a rustica asp'reza insólita dos montes
E embrulha-te, vilão, na purpura do Fontes.

. . . .

III

Ninguem pode saber o paradeiro ignoto
Do filho do visconde.
                                        Algum tempo depois
Alguem viu n'um wagon um pedinte minhoto
Todo impado de orgulho, e de projectos doidos.
Diz-se que elle roubou quatro juntas de bois
A uns pobres aldeões, os miseros *androidos*
Que passam toda a vida em lugubres meandros
Para emfim sustentar os inuteis malandros,
Que inda se chamam reis em vez de vendilhões.
O aldeão resistira ás seducções do oiro;
E elle depois roubou-lhe o unico thesoiro...
Tinha no peito alvar quarenta... *distincções*
De bom comportamento e merito burguez.
Ninguem diria ao vêl-o em *pose* de fidalgo
Que elle era simplesmente esse estroina soez
Que ia para Lisboa arteiro como um galgo
Cheio de fome vil. Ninguem diria agora
Que elle era o miserando e lubrico farçola
Que não era capaz nem de puxar á nora
O que ia desandar a ferrugenta móla
Das finanças do Povo!

IV

Alguem deu-lhe um abraço,
Fel-o *valido* austero e *servidor* do paço,
E pôz-lhe na cabeça o solitario adorno,
A marca industrial do fabricante —um corno.

AS AGUAS DE VIDAGO

Dormiu a sesta El-rei deitado no seu throno,
Como qualquer madraço
A quem a sorte fez o venturoso dono
De um esplendido paço.

Quando acordou, não sei se foi o fino instincto
Da realeza moderna
Que o fez balbuciar:—Parece-me que sinto
Uma dôr n'esta perna.

O que é certo é que el-rei sentindo um *formigueiro*
No seu sangue real,
Fez logo reunir o ministerio inteiro
Para tratar do mal.

E o ministerio quiz que Sua Magestade
Fosse gastar o *bago*
Em grande reinação bebendo em liberdade
As aguas de Vidago.

E desde aquelle dia em que el-rei foi beber
Esta agua alcalina
Tem corrido a Vidago — a côrte a bom correr —
A côrte papa-fina.

O DINHEIRO DO ZÉ

Tristissimo dinheiro! E' fumo que esvoaça
E que jamais se vê!
Na *torre de luar* do pagode e *da graça*
Anda a voar! voar! o teu dinheiro, ó Zé!

Podeis vêr! podeis vêr! ó filhos da miseria
De bolsas escorridas:
O que faz vosso bom dinheiro á gente seria
Em bailes, *soirées*, toiradas e corridas.

Com este bago todo á puridade eu creio
Que se comprava até
Ou caras sem vergonha ou algum malandro e meio
Que corresse a realesa a murro e a ponta-pé!

OS TRES DA GRAN-DUQUEZA

I

AO PODER MODERADOR

El-rei Nosso Senhor!
ouve esta ode moderna:
Isto caminha assim maravilhosamente,
Tens por teu lado a tropa armada na caserna
E a religião do Estado abençoando a gente.

Feliz de quem domina ao som de hymnos da Carta,
Acavalgando alegre este asno, o Zé-Povinho,
E quem nunca tragou o pão negro de Sparta,
Com acompanhamento emfim de cavaquinho.

Burocratas gentis que trazem sempre ao peito
— A amarellada flôr constitucional,
Em tua frente, ó rei! com certo ar satisfeito,
Dizem curvando a espinha—*a cousa não vae mal.*

E na verdade em quanto os fundos vão crescendo,
Ha bailes, recepções, caçadas e passeios;
Muito embora a moral, coitada! vá descendo
E venda a quem mais der os descarnados seios.

Duquezas com milhões e carnes côr de neve
Beijam cheias d'amor alguns *crevés* de nome...
E muita vez na praça um velho não se atreve
De vergonha esmolar para matar a fome.

Isto caminha bem, Senhor! todos os dias!
E' como dizem sempre uns certos jornalistas:
Estamos na melhor das boas monarchias,
Com ministros d'Estado e sabios e dentistas.

Como um grande aranhão exhibe-se o orçamento,
Até fazendo rir gente de grandes ares,
E n'essa tasca vil e reles de S. Bento
Selvagens sem calções jogam os malabares.

No Chiado mostrando o pé fino e correcto,
Uma loira que eu sei, da rua da Atalaia,
Tentou já conquistar o grupo do Vaz Preto,
Com modos triviaes erguendo um pouco a saia.

E um illustre marquez, encantadora fera,
Que foi substituto e teve tentações,
Passeia muita vez na Travessa da Espera,
Para gloria dos céos e das instituições.

Mesmo sem lhe importar que tantos infelizes
Protestem vendo assim um povo arruinado,
No parlamento agora um rancho de petizes,
Declama e dança á voz d'um arlequim pintado.

Sabemos muito bem que nos domina a asneira
Que é bambochata tudo o que vemos ahi
Mas hade ser vistoso o desmanchar da feira,
Porque esta podridão tem de cahir por si.

II

AO PODER JUDICIAL

Meu velho amor defunto, Emygdio furioso!
Detém agora um pouco o braço valoroso,
Não me mandes prender ainda esta semana,
Indomavel Sansão e tigre d'uma cana.
Deixa-me olhar emfim todo o reflorescer
Da natureza ardente! Oh! deixa-me correr
Pelas campinas fóra atraz das mariposas,
Emquanto o sol d'Abril vae esmaltando as rosas,
E palpitam d'amor os lirios virginaes.
Deixa-me ouvir, por Deus! os melros joviaes,
O hymno triumphal dos passaros que eu adoro,
Como um psalmo febril, dulcissimo e sonoro,
Atravez da campina eternamente verde.

Bem sei que esta canção aos teus olhos me perde
E que alexandrino assim como um soneto
E' como um canhão krup com que me comprometto.
Mas que desejas tu ó meu juiz-bucephalo!
O que pretendes, diz, ó tyranete acephalo!
Eu não posso cahir em extasis bocal
Perante quem mandou prender Gomes Leal,
Silva Lisboa, mais Magalhães Lima e a Imprensa!
E' contra quem combate, até contra quem pensa...

A minh'alma que vibra estrophes gloriosas
Saudando a Primavera, o novo credo e as rosas,
Tudo quanto ha de grande e ardente como um raio,
Desde a revolução ao bello sol de Maio.
A minh'alma febril de rude dissidente,
Não póde venerar mesmo grosseiramente,
Personagem assim de quem se rí o mundo.

Tudo isto, meu velhote, anda nojento e immundo
E tudo isto afinal escorre e até vermina.
O paiz naufragando emfim n'uma sentina,
A carta d'alforria, oh! céos! toda rasgada,
De modo que melhor seria hoje empregada
Nos campos, de manhã, para espantar pardaes.
Em toda a parte erguendo a voz sarrafaçaes
E o scepticismo vil minando as consciencias
Dos que não querem crêr no verbo das Sciencias,
Dos que zombam de tudo e riem do enthusiasmo
E teem para o Amor um putrido sarcasmo,
Roidos pelo mal, sujos e apodrecidos,
Errando atraz da vida assim como uns bandidos.

Adeus azul brilhante, adeus ó primavera!

Se cahir afinal nos braços d'essa fera
Não mais verei o céo immaculado e santo,
As cousas ideaes cheias de mimo e espanto:

Desde a Sarah Bernardt á curva do infinito...
Emfim todo febril, convulso e todo afflicto,
N'uma grotesca *pose* eu só te peço e imploro
Uns pasteis do Cócó — monstro que tanto adoro!

III

O PODER-JOVEN-LILIA

Florencio!
se paciencia um dia tem limites
E o frio faz a gente angariar bronchites,
Se acaso o calo doe e um bom nariz espirra
A cadella tem cio e grão-*cócó* embirra,
Se acaso o gato mia e um deputado berra
E se o onagro zurra e o sol deslumbra a terra,
A lua faz crescer os nabos e os pepinos
Tambem tu fazes, vate! os teus alexandrinos.

Mas eu brado, alto lá! arranja um realejo
O' translucido vate e grande animalejo
Rival da excelsa burra antiga de Balaão
Tu és filho d'um asno e o burro é teu irmão.
Nasceste, penso eu, ao pé d'algum regato.
Foi tua voz primeira—onde é que está o gato?
E petit-à-petit, ó pardal dos pianos!
Fizeste estudos mil sobre lirios e canos,
Valsas para o consolo ardente dos tendeiros
E para assombro até da rua dos Fanqueiros.
Recitaste canções ás jovens melancolicas,
De curvas ideaes e de olheiras bucolicas,

A majores de pera, e a bons commendadores
Prenhes de rheumatismo e estilando humores
Que te ouviam como ouço o concerto das rãs,
Allucinadamente, em lyricas manhãs,
Sonoras de pardaes, reluzentes de sol.

O' meu bojudo vate assim como um paiol
Ouve lá um conselho, um bom conselho amigo.
Põe a harpa no prego onde exoticas cordas,
Feriste tanta vez. Mas vê lá não me mordas
Digo isto p'ra teu bem, vate dos saguões
Que as meninas da *baixa* em fralda e em roupões,
Decantam ao piano em tremulos harpejos,
Doces como pasteis, causticos como beijos,
A policia é o diabo e a saude periga
E tu, meu brejeirote, hasde ter conta antiga.
Portanto cala, ó bardo! essa paixão secreta
Que te remorde o baço. Agora a Julieta
Já não tem a varanda ornamentada a lirios,
Quer uma vida longa e já não tem delirios.
O Romeu é banqueiro e negoceia em fundos.
E o Lyrio do Amor que faz mover os mundos,
Largou o bandolim que era o trovadoresco.

Por Deus não queiras mais assim ser tão burlesco.

LADAINHA DO ZÉ

Santo Cardeal — dá-nos por favor
Santo Cardeal — muitos padres Rochas,
Santo Cardeal — quantos mais melhor,
Santo Cardeal — que não faltam *tochas*.

Santo Padre Zé — acho até bem feito,
Santo Padre Zé — que leves na crista,
Santo Padre Zé — pois não tinhas geito
Santo Padre Zé — egreja com *mesquita*.

S. Sebastião — leva p'ra o diabo
S. Sebastião — as cem confessadas
S. Sebastião — que tinhas por cabo
S. Sebastião — ao céo destinadas.

S. Choc'lateira — vê se te desmandas,
S. Choc'lateira — ó meu catavento,
S. Choc'lateira — deixa as educandas,
S. Choc'lateira — larga-me o convento.

S. Vinho Verde — tu é que consolas
S. Vinho Verde — tu é que aviventas
S. Vinho Verde — nem tres mil estolas
S. Vinho Verde — e litros d'agua benta.

S. Leão XIII — manda-nos d'ahi
S. Leão XIII — pingas saborosas
S. Leão XIII — guarda para ti
S. Leão XIII — as aguas milagrosas.

Santo Bandulho — quem te déra um dia
Santo Bandulho — seres d'um cardeal,
Santo Bandulho — que outro não havia
Santo Bandulho — que te fosse igual.

Santa Barriga — o Natividade
Santa Barriga — não lograva só
Santa Barriga — tal capacidade
Santa Barriga — nem com o Có-có.

Santo frei Diniz — vivam as pinguitas
Santo frei Diniz — viva o cantochão
Santo frei Diniz — e as raparigguitas...
Santo frei Diniz — prior da Encarnação.

Santo Golinho — dizem com justiça
Santo Golinho — que ha ahi Padres Sennas
Santo Golinho — que acham ter á missa
Santo Golinho — galhetas pequenas.

S. Natividade — que pança, qu'rido!
S. Natividade — olhem que revezes!
S. Natividade — Achas-te entupido
S. Natividade — ha já quantos mezes?

S. Regalia — livra um peccador
S. Regalia — cá por o que eu penso
S. Regalia — ter por confessor
S. Regalia — o reverendo Ascenso.

S. Estadulho — traz-me bons sobreiros
S. Estadulho — e dá nas indecencias
S. Estadulho — d'estes bons brejeiros,
S. Estadulho — que tens indulgencias.

Santa Bancional — dai-nos mais enxofres
Santa Bancional — ẽ couzas do caco. .
Santa Bancional — limpae-nos os cofres
Santa Bancional — dai nos um pataco.

Santo Imperador — dae-nos liberaes
Santo Imperador — dae-nos mulatinhas
Santo Imperador — dae-nos outros taes
Santo Imperador — dae-nos mais Dantinhas.

Santa Bambocha — vê de que maneira
Santa Bambocha — contas a Jehovah
Santa Bambocha — esta pepineira
Santa Bambocha — em que o paiz está.

Bispo-Cardeal — dae-nos muitas madres
Bispo-Cardeal — dae-nos *Bastiões*...
Bispo-Cardeal — dae-nos muitos padres
Bispo-Cardeal — papas e melões.

OS ROUXINOES DE S. BENTO

Eu bem os conheci quando eram rouxinoes
amenos e romanticos
E soltavam gentis os melodiosos canticos
Ao despontar no ceu os pequeninos sóes;
Eram alegres, bons, tinham risos de candura,
Nos labios juvenis uma ideal frescura,
Andavam sempre immersos
Em alegrias sãs
Cantando ao largo Sol os seus ultimos versos
Pandegos como um burro e chatos como rãs.

Um dia succedeu, ó dia espaventoso
E jámais olvidado! um homemsito negro
Que anda a colher na rua o que ha de mais gracioso
(Cantava de manhã o triumphante *allegro*
Nas amplidões do ceu a doce cotovia)
Viu-os andar colhendo a bonina silvestre
Com um ar de quem anda ha muito tempo ás moscas
—E disse-lhes: Olhae, eu sou o grande mestre
Que vos quer fazer gente e elevar-vos á gloria,
Vamos, deixae agora as attitudes toscas;
Preparae-vos p'ra entrar nos porticos da Historia.
E elle ao estender na vara o visco da Rhetorica
As redes preparadas, uma alegria enorme,
Estranha, colossal, extraordinaria, plethorica,
De canto a canto abria-lhe a boca desconforme
Com o riso bestial d'um sapo sem ter dentes.
E as pobres avesinhas
miseras e mesquinhas
Que cantaram outr'ora alegres e contentes,
Sentiram fugir d'alma a *bella flor azul*
do sentimentalismo.
Quereis saber quem sou?—o parlamentarismo,
E dar-vos-hei commendas
E nichos nas alfandegas,
Fartas e pingues rendas,
E regabofes e pandegas,
Mas não cantareis mais
Independentemente.
Foi assim que Assumpção, Lopo Vaz e outros mais
Sentiram enchacíar a alma resplandecente

No garupa do tropo—este cavallo branco,
Que cheio de pulmoeira a estrada corre manco.

*

Sabeis, o parlamento, esta gaiola medonha
Que é por assim dizer o coio onde se abrigam
Os passaros bisnaus que luctam e que brigam,
Melros de toda a casta e especie a mais bisonha,
Onde pia Assumpção e preside o Bivar,
Onde o Fontes braveja em larga furia acceso
Contra Braamcamp o esguio, o manequim que preso
Marianno faz mexer e o Arroio que a cantar
Os mais habeis ensina; Hintze, gato pingado,
Coruja de tribuna, ave de mau agouro,
Que esgota até ao fundo o cofre do Thesouro
E inda por cima diz que elle é que foi roubado,
Vallada, o tubarão e Preto o pachyderme,
Este terror do Mello e aquelle o dos soldados,
Chancelleiros o chato e Luciano, este verme,
Estes são p'ra mim os filhos mais amados;
Segui-lhe passo a passo os exemplos, a vida,
Esta gente encontrei eu outr'ora perecida
Sem ter cheta n'algibeira
E o miolo cheio de lérias
A declamar sobre as miserias
Do Zé-Povinho, esta besta,

E agora de tal maneira
Eu os refundi de novo
Que o saco é vasia cesta
E a algibeira é como um ovo.

*

E' necessario ter-se um geito especial
Uma disposição um tanto original
Para se entender bem a idéa silenciosa
Dos broncos rouxinoes
Que piam em S. Bento,
Astros que são os Sóes
D'esta *Lactea* gloriosa
Do Olimpio dos *Paulistas*,
D'Ajuda ao firmamento.
Augmenta, cresce, avulta, a divida fluctuante,
Os fundos descem sempre e perdem-se milhões,
Se o senhor Fontes ri e goza triumphante
Em seios já senis, em velhos corações.
Vamos, puxae a corda e puxae para diante
Até dardes na lama uns pifios trambulhões.
O Zé-Povinho um dia accorda extremunhado,
Como o cura do MELRO acha ser já de mais
O andarem-lhe comendo o fructo sazonado
Pelo improbo trabalho, a devassar quintaes
Sem ter prévia licença.
Immerso n'esta crença

Andava o pobre Zé
Meditando sem casaco
E revolvendo o caco
Surgiu um dia, até
Que emfim, uma idéa tal
Que o pobre julgou ser
O esplendido fanal
Que lh'illuminaria
A vida, até morrer
D'uma hydropesia.

Ora a ideia foi esta: um espantalho armar
P'ra vêr se conseguia emfim afugentar
D'uma vez para sempre a ave da sementeira
— Lua prenhe, bojuda e repleta algibeira,
E para isso inventou a campanha do Chiado.
Mas logo no outro dia, oh assombro ignorado!
Ouviu-os cantar na eira — isto é, um novo imposto.
Andava consumido em intimo desgosto,
Não ria, emmagrecera e até caso mesquinho,
Já não bebia mais que dois litros de vinho.
Uma tarde a passear na horta com uns amigos
Oh! caso estranho e raro! os seus brios antigos
Em frente da salada ouviu-os despertar,
E como o velho Cid, audaz, cavalheiresco,
De prompto se decide e o geito quixotesco
Mais lhe avermelha ainda a ponta do nariz.
Em vez de lança empunha o garfo de *pau do ar*.
Berra como um possesso ao ver da conta o giz,

E direito como um toiro enfia p'la Avenida.
Mas Peitowitz astuto e Tristão—grande magico
Que são melros, bem sei, mas de bico amarello,
Ratazanas de cano e de cauda comprida,
Que tem um olho vivo e um sorrisinho tragico
Com panos de raposa e geitos de camello
Já o andavam olhando
E os sabres affagando
P'ra tal ensinadella,
Que levavas decerto
Se não dás á canella
E te fazes esperto.

*

Rolava n'amplidão a lua branca e doce
Assim como se fosse
Uma esphera de luz suave de Jablockoff,
Dormiam rouxinoes, sonhava o Carvalhof,
Vendo no seu peitilho o Zé-Povinho em sangue
Arrastar-se a seu pés e supplicar exangue
Que lhe dê liberdade ao menos de passear.
O querer prohibir a gente de pensar
Já é alguma coisa, agora o dar ás pernas
Isso é desafiar as coleras eternas
E qu'rer o *grand chariot* para um passeio a Bellas
Tendo por postilhões as lucidas estrellas
E apagar d'um só sopro a grande luz do Sol
E fazer do azul ceu a colcha para o molle

E fofo leito seu, querer a lua enorme
Para uma lamparina emquanto você dorme;
Você é bem peior que o Fontes seu patrão
Deixe-me passear, fazer a digestão.

*

Zé Povinho tambem uma noite sonhou
—*Noite sinistra e má*; as asperas nortadas
Batiam da janella, as persianas cerradas,
A chuva uivava ao longe, um lobo nunca uivou
Com uma furia tal. Os raios e os trovões
Lançados pela mão cyclopica de Deus,
Rasgavam d'alto a baixo a cúpula dos ceus
Com o fragor brutal dos rúbidos vulcões;
Os fortes vegetaes phantastico, senis,
Torciam-se cruelmente em convulsões febris,
No seu leito de rocha o antigo e velho Oceano
Tentava espedaçar as gargalheiras d'aço;
—Altivo Prometheu n'um grito sobrehumano
As ondas atirando á lividez do espaço;
—E Zé Povinho viu na sombra negra e feia,
Como do velhó Dante a tragica epopeia,
Vultos a levantar as negras barricadas,
Athletas destruindo o velho Preconceito
Fazendo desabar os matagaes d'espadas;
Não se via sequer de Carvalhof o peito,
Nos vultos elle viu o seu barbado rosto
Sem a sombra sequer do passado desgosto,

Pegavam na clavina alegres como heroes
Derrubando um a um melros e rouxinoes;
Altivos fuzilando os esquadrões frementes
Do toque do clarim ás notas refulgentes.
E o Zé-Povinho absorto olhava como um louco
Do estrépito da lucta, aquelle arquejar rouco
De subito um clarão, como pompa de gloria,
Mostrava-o triumphante adejando a victoria,
Como um enorme bando aereo d'aguias brancas
Em torno a sua fronte, e as gargalhadas francas;

E correndo o Senhor Pontes aos pontapés

Pontes! Pontes agora esta é que uma vez!

E acordou resmungando. Aquelle bello sonho
Tão puro, tão risonho
Tão povoado d'imagens,
Quaes reles personagens
das magicas que deu o Palha na Trindade,
Viu-o elle afundar-se
n'um sinistro disfarce
'no Mar da Realidade.
Viu Fontes coroado ainda com mais bicos
E o Peito Carvalhoff, ostentando os seus ricos
peitilhos mais lustrosos,
E ainda pelos mais vistosos

E o Fritze mais sisudo ainda do que d'antes!
Pois empalmava mais, chamando aos mais tratantes
E compadre Tristão n'attitude guerreira
Dando pranchadas com espadas de piteira!

E viu o general Augusto
Dando empurrões nas leis;
A mamar e sem custo
Doze contos de reis!

E murmurou oh Deus — ainda existe mais fontes
Sob este bello azul tão puro e immaculado,
Que cobre como um manto as escarpas dos montes,
Mas fontes de tal raça e dente tão damnado,

Mas fontes de despeza
Que nos fazem destroço,
Que nos fazem limpeza
De bagos pelle e d'osso
Que me é capaz de roer

D'uma dentada só os cofres do thesouro
Inda que tenham dentro um *Himalaia d'oiro.*

Tu és maior que Deus, tu és o grande ser!
(Incha-te, meu velhote, assim como um perú,
Que a Natureza — és tu.

Variante ao rouxinol

DE BICO AMARELLO

Que melro! eu conheci-o!
Era o Brocas, catita, luzidio
Com Agua Circassiana.
Um *melro* d'uma canna!
Era conhecedor de muitas manhas!
Logo ao abrir S. Bento,
Começava a jorrar o seu talento
Verdadeiros enxurros de patranhas.

E, assim que o Zé Povinho abria a porta
Que dá para o futuro,
O *melro*, quasi morta
A esperança de ter o Zé seguro,
Dizia-lhe : «Anda cá ; fecha essa porta,
Tu és o meu Zezinho, o meu thesoiro,
Joia d'alta valia !»
Zé então respondia
Com tremebundo estoiro.

O Zé Povo era um bolas, pobre diabo
Ao principio, tristonho, calaceiro
Mas como iam d'elle dando cabo
E não tinha dinheiro,
Lembrou-se um dia de atirar ao ar
A albarda que uns maraus lhe haviam posto
Para muito a seu gosto
O poderem montar.
O *melro* desprezava os cataclismos
Que o Zé lhe predizia :
Discursava, engranzava alegremente
Até que ultimamente
Zé Povo disse um dia :

»Nada, já não tem geito ! este papão
Leva couro e cabello.
Qual será a razão
P'ra eu não lhe dar uma corrida em pello ?

E, ao ouvir esta grita,
O *melro*, honesto como um jesuita,
Mal vinha no oriente
A madrugada clara,
Já elle andava jovial, inquieto,
Comendo, a rir, desvergonhadamente,
Quantos podia, e d'um modo abjecto,
Tal como o parasita da seara
Que só a deixa, quando está replecto;
Exclama o Zé que não quer mais brinquedo
E, armando um espantalho
Diz-lhe o melro: «Macedo,
Mata-me esse bandalho!»

Pouco depois teve elle o grande espanto.
Uma vez o tal *melro*, inda na cama,
Ouviu do Povo um desusado canto.
Vencendo a bebedeira
Lá pôde ir espreitar
E vê o Zé, coberto de poeira,
Lançando a albarda ao ar!

*

Andando pela rua um certo dia
Lendo em voz alta a *Arte de Furtar*
Enxergou por acaso (que alegria!
O que havia de achar?)
Um ninho dos taes *melros* em S. Bento.

E ao vêl-os exclamou enfurecido:
Comem todos o que lhes é prohibido,
Comem do que é só meu!
Já é não ter vergonha,
Politica peçonha,
Filhos de phariseu!

E mettendo n'um carcere os melritos
Soltava exclamações:
«São larapios. Malditos!
Tratam só de barriga e de eleições!
Raios os partam! Hão de-m'as pagar...»

E deixando a prisão muito guardada
Continuou a lêr e a passear,
Depois d'uma risada.

*

Iam-se aproximando as eleições,
E cahiam então por toda a parte
Chusmas de galopins, uns intrujões
Que elogiavam com arte
Hypocrita, subtil, indefinida.
A algum sujeito alvar
Introduzem na bolsa desprovida
Dez tostões e uma lista p'ra votar.

Arvores, tendo ao luar os ramos alvos
Pareciam tomar a fórma estranha
De grandes e crueis teias d'aranha
Para agarrar os eleitores papalvos.
Arrotavam em casa os lavradores
E como elles tambem algum pelintra
E... o rei estava em Cintra.
Virgens sonhavam com as coisas mansas
Que podiam ser flores,
Podiam ser creanças...

Zé Povinho ia alegre.
«A minha horta,
Dizia, estava a precisar d'estrume
A fortuna bateu-me agora á porta
E' uma coisa bem fóra do costume
E eu que o diga se é!»
Chegou a casa. E assim que no portal
Já tinha posto o pé
Murmurava entre dentes:
Tal e qual! Tal e qual!
Servem d'adubo para a horta! Olé!
Para adubos são bons, são excellentes!...

*

Ha eleições. As folhas do governo
Tem uma falla meiga, avelludada
Fallando ao Zé d'um grande amor fraterno.
Abunda pelas tascas a pescada.
Diluvios de zurrapa avinagrada

Embebedam a chusma dos votantes.
Muitos homens de vulto da politica
Vão murmurando dialogos gigantes,
        Porque a coisa está critica.
São precisos ainda alguns mil votos,
Dar protecções sympathicas custosas
Quando não, leva o Fontes grandes tosas
E adeus c'roa. Antes doze terramotos
No governo, a carteira dos projectos
Presente-se tranquilla a engordar.
Vão desmaiando bebedos repletos,
        De pança para o ar.

E n'isto *melro* Fontes vae ao ninho,
Para o amaciar andou buscando
E alguns discursos doces como arminho,
E algum emprego bem rendoso e brando.
Chegou lá e viu tudo.
Partiu como um foguete; e louco e mudo
A Parvonia correu, ancioso. Em vão!
Mas eis que solta de repente um grito
(Grito quasi sem alma e sem esp'rito!)
Indo encontrar os filhos na prisão.
«Quem vos metteu aqui?...» Um espertito,
Todo tremente, murmurou então:
«Olha, padrinho, foi o Zé, — Chamei
Chamei por ti. Andavas tu na horta
Plantando fava. O que eu fiz e chorei!
Mas p'ra que foste á fava? Abre esta porta
E esconde-nos depois em algum nicho!
Jesus! perdes talvez as eleições
Só por causa do Zé ter um capricho.
Olha, chamam-se (horror!) um trapaceiro.
Arranja, arranja um nicho
Eu defendi a carta!

Ai! quem me dera ter muito dinheiro
Para gozar á farta.

E o melro allucinado
Clamou :
«Fifí, Fifú,
Porque não mandas tu
Este carcere abrir, que está fechado?
E' por ventura crime ou é peccado
Ter eu sempre engrolado
Estes pobres dementes?!
O' Macedo, ó louro tu consentes
Que me roubem os caros galopins,
Galopins que eu paguei?!
Quanta tréta perdi! Quantos quindins!
Nem eu sei ..

E tudo, tudo em vão,
Caros afilhadinhos,
Bravos do batalhão,
Do grande batalhão dos arranjinhos!
Não bastaria a minha tropa inteira,
Precisava de vós para comprardes
Muitos votos, e assim d'esta maneira
Vão prender-vos! Covardes!
O voto, muito voto é que eu preciso;
Sem muitos votos, tenho prejuizo!
Prender o galopim
E' encarcerar a mim.
A culpa tive-a eu. Deixei o melro
E elles ficaram sós.
Eu estava tocando cavaquinho
E elles presos! Que atroz!
E eu devia sabel-o!
Eu tinha obrigação de adivinhar...
Mas sou bruto, sou burro, sou camello!

«Faltam-me os eleitores!... Quem me dera
Ser como Holbech ou o Oliveira Grosso
Porque eu então poderia
Quebrar a grade ao carcere maldito.
Quero quebrar os ferros e não posso,
Quero incitar o povo e não incito.
Ai! Como o dia é limpido e formoso!
Zé Povinho lá vem, vem a cantar.
Venceu a eleição, elle o leproso.

E vem-me encarcerar.
Ai! que viver o meu tam tormentoso
Desde que elle atirou a albarda ao ar!»

*

E' noite resplendente
E já os galopins aduladores
Não sorriem como antes castamente;
Aos magros eleitores.
Já não ha borborinho.
Na tasca socegada

Já não se dá pescada
Nem se offerece vinho
Com o sorriso alegre dos heroes
Passam os caracoes.

As batatas e os nabos;
Alhos, tomates, troços pepinos,
Gordos — como nababos,
Rudes como assassinos,
Vão procurar na terras as seivas boas,
Que as fazem engordar,
Com a avidez e a raiva das patrôas
Que roubam as meninas de fallar,
Os gatos vão passeiando nos telhados,
Mas *gatos do telhado* verdadeiros,
Todos ás bulhas, fulos endiabrados
E tão arruaceiros,
Fazendo tanta grita,
Como o Vasques de Mesquita
Com certos trapaceiros.

E entre o luar e os sons... e as bebedeiras.
Na atonia das grandes borracheiras,
O *melro* co'uma beiça de perú,
No chão deitado com a fórma de S
Estava inerte, qual se alguem lhe desse
Um formidavel pontapé no fú...

CIRCULAR-RELATORIO

Basar Caro & Zilu. Venda boa. Chegada
Hontem na Nau do Estado ao brodio consignada.
Fazenda da melhor! Uma pechincha! A vêr.
Aqui rapaziada ha bem onde escolher.
Do bom e do melhor, ás grosas e aos milheiros.
Grande liquidação! ao rei dos barateiros!
Ao novo *cento e tres* mais cheio do que um ovo,
Prompto a rivalisar com a *Loja do Povo.*

Monarchicos aqui! surpreza! Ultimo dia.
Occasião! é o desfazer da feira-monarchia.
Por junto abatimento, aproveitae o lixo
Isto é que é emfim sortimento a capricho.
Commendas a tostão! a meia duzia, a pinto.
Habitos de Torre e Espada a trinta reis o cento
Mesmo o sceptro que foi d'el-rei, D. João V
Vejam a barateza, apenas custa um tento
De chumbo ou de latão ou mesmo pechisbeque.
Aves Reaes que teem o rabo aberto em leque
Pavões do orçamento e giboias da fazenda
E grande collecção de peixes de agoas turvas,
Syndicatos que teem um pouco as pernas curvas.
E' barato! é barato! O bello *caramillo*:
O Kamilho depois d'elle fazer o *chilo*.
Irmãs de caridade e irmãs hospitaleiras
Jesuitas de cauda e outras brincadeiras
Article agoa-benta e marca-samodães
O Padre Zé da Rocha e o frei dos Quraçóes
Mil conegos da sé e quatrocentos cães
De procelana e barro em transfigurações
Variadas. A vêr, senhores, examinae.
Bons guerreiros do 7 a rir como uns cretinos:
Se lhe apertam o ventre então vocifram pae,
E se lhe furam o recto até exclamam ai!
Cabeças de comarca, alfaces e pepinos,
Tomates de melhor que existe no mercado.
Pomada p'ra crescer o orçamento do Estado.
Elixir superior que cura a dôr de dentes
Aos ministros que estão talvez em pannos quentes.

E conezias a duzia a menos de real.
Ministerios que são feitos de pedra e cal
(Sem cruel allusão ao regenerador)
A Penitenciaria essa pallida flôr
Plantada pelo Grillo e o Calor e mais outros,
Das cocheiras do Estado os mais vistosos potros.
Um ovo por um real! Tres vintens isto tudo:
O Hintz que desde ha muito a sós joga o sisudo,
Peitoff-Carvalhoff, o Czar da Parreirinha,
O Barjona da *rapa*, heroe da cambrainha,
O Manoel d'Assumpção a joia dos tenores,
E para liquidar até commendadores!
Ao bazar! ao bazar, ó povo da cidade!
De bellos bachareis as ultimas remontas
Para adornar a sala ao tribunal de contas.
Aproveitar! vende-se a fina sociedade
Do Pinhal d'Azambuja e mais da Madragôa
Que depois terem já a confiança da corôa
E terem sido até esplendidos faquistas
Subiram grao acima e são hoje estadistas.

Do Monte-pio geral acções de panno crú
Traducções em latim serodio por Fu-fú,
Esse illustre escriptor de fama rara e varia
Que sem exame algum de instrucção secundaria,
Tem dado ate quinau e dado seria bisca,
No rei dos sabichões o grande Pisca-Pisca.
Portarias para uso e applicações caseiras
E Gran-cruzes que são de premio a bebedeiras

Que tanto brilho dão á nossa corte illustre.
Mil condecorações e até graixa de lustre.
Protectores de calçado e amigos do Basorra
E varias cousas mais que pedem rima em borra.

Senhores! occasião famosa, gente seria
Tirem por fim aqui o ventre de miseria.
O Congo a meio tostão e o Zaire a trinta reis!
Isto é pedir por bocca e o resto são batatas,
E' um não terminar de borgas e frescatas.
A honra da nação por dois ou tres pasteis
De bacalhau. Barato e bello sortimento
De grandes homens com tres polegadas d'alto.
Deputados do tom com vozes de contralto
E outros varios Simões do nosso parlamento
Que reclamam de ha muito o jardim zoologico
Em vez de irem reinar com certo ar melancholico
Nas jaulas de S. Bento em frente a multidão
Que por vezes pateia a tropega funcção:

Quem quer! bom e barato as terras d'além mar
As que já Jonh Bull não quer... arrematar.
Os pretos de Guiné e mais da fava rica:
A capa de ladrões — a capa decantada
Hontem no *Popular*, hoje na Vida *Airada*.
Capa que dizem ser d'excellente fazenda
Mas que o Zé não tem por excellente prenda.

E viva a santa borga e viva a santa pandega.
Aproveitae! a flor d'empregos bons na Alfandega.
O desmanchar da feira, a liquidar, senhores!

A Beira Alta em praça; um cruzado os Açores.
Quem mais dá, quem mais dá. E' de quem mais apanha
Senão vae de roldão tudo para Allemanha
Ou para Inglaterra ou a Pantana e aos Quintos
E vae toda a Parvonia até por quatro pintos.
A mitra episcopal de D. Americo até
Aos ricos balandraus da irmandade dos Passos
Conjuntamente são postas a liquidar.
Os archeiros d'Ajuda e os conegos da Sé
Correios a cavallo ás grosas e aos massos,
O que ha de superior no genero muar.
Depois vae no leilão o Peito e os peitilhos,
Fundos sem cotação, queremos dizer fundilhos,
Cambio sobre o Brazil e a honra do paiz,
Tudo isto a final por alguma de *xis*.

....
Mas como é necessario uma liquidação,
Bem rapida e completa a toda essa cangalha,
Escrevam n'este *adresse*:—*A Parvonia em leilão*,
—Loja dos Camarões, na Travessa da Palha.

NA ABERTURA DAS CORTES

Está aberta afinal a Praça da Figueira
Chamada Parlamento ou mesmo Anjo ou Bolhão,
Viva o pagode! Reine a alegre borracheira.
O vinho é do melhor; o litro a meio tostão.

Uns votam co'os bebés e outros pelos papás;
E' de quem mais apanha e mais se chega ao rego,
Porque emfim o paiz ainda hoje está capaz
De dar cinco mil reis n'uma casa de prego.

Que reinação tremenda. Em pé sobre as bancadas,
Uns berram pelo Zaire a tres vintens por junto :
E' a reforma da Carta e as boas caldeiradas
De eiroz ou mexilhão ou caldos de presunto.

Chama-se aquillo tudo o parlamentarismo!
E denomina-se isto o templo nacional!
A caza onde só reina o reles facciosismo
E onde sómente impera a intriga trivial.

Joguem a cabra cega, as damas e o assalto,
Mais um feixe de palha e aparem mais um calo
E venham-se exhibir depois sobre o asphalto
Chicoteados com o lapis de Bordallo.

A HYDRA

O' hydra, ó monstro, ó portentoso assombro
Da parvonica gente sublimada,
Que trazes o Peitilho d'arma ao hombro
A guardar a monarchica cambada.
Hydra, visão nevrotica, epileptica,
Monstro intangente, creação dantesca,
Sáe das encolhas, vem tomar a fresca,
A vêr e ouvir toda esta choldra sceptica.
Gente que vae ás tardes ao lausperenne,
Que communga, jejua, compra a bulla,
Teme o peccado, grita contra a gula,
Respeita a Carta, tem horror ao vicio,
E embasbaca ante a prosa do Melicio;
Gente que bate o fado e nunca indemne

Deixa a honra ao visinho, e a anavalha,
E desmaia por *dá cá aquella palha*;
Que dá vivas ao rei e aos pataratas,
Que gosta de carneiro com batatas
Nos celebrados dias d'eleições,
E anda ou de anjo ou d'opa em procissões;
Anda vêr, anda vêr, ó hydra ingente,
Como isto está, n'esta medonha orgia,
Mescla de santidade e vilania,
De rectidão e arranjos e *desvios*,
Com banqueiros transferindo fundos
P'ra tão distantes, ignorados mundos,
Que fica o accionista a vêr navios,
E é levado sem sombras de favor
A dar-lhes ainda um voto de louvor.

*

Anda agora esta gente em mau estado,
Surpreza, inquieta, o rosto carregado,
Pallida, d'olheiras; não é raro,
Ouvir fallar baixinho em dynamite
E pôr vélas a arder ao Fontes Caro.
Anda este povo assim; mas felizmente,
No meio de taes males, resta a esta gente
O não perder o somno e o appetite.
Nas medonhas visões de cada instante
Surges tu, ó hydra flammejante,

Fauces crueis, olhar felino e crú,
Mais terrivel e audaz que vinte lobas,
Dois javardos, um urso e seis rapozas,
A afogar n'essas garras portentosas
O roliço pescoço do Zilú
E a marreca tremenda do Arrobas.
Rachas de meio a meio indemente,
A c'roa de bicos do Pae-Fontes;
Lá se vão p'ra o diabo emfim os montes
D'alegres commensaes da Vida-Airada,
Bella tropa fandanga, impenitente
Tribu da reinadia patuscada.

E's tu, visão cruel. és tu que impedes,
Logrando assim o teu malvado intento,
Que elles façam o chylo monstruoso
Apóz o regabofe portentoso
A' celebrada mesa do orçamento.
E's tu, visão cruel, és tu que o impedes.

*

Treme, quaes varas verdes o Braamcamp,
O tal *Mistura-Tudo* previdente
Vae procurando aonde metta o dente
E dê fórmas roliças ao bandulho;
Já se achou n'um adélo o estadulho

E a celebrada capa está ás moscas,
Por não poder cobrir condignamente
Toda a cambada que usa d'unha e dente
No louvavel intento, honesto affan
Da mais honrosa e pandega maneira
Boas honras faz á papadeira.

Arrobas, Peitilho e camarada
Tristão, tregeitam, correm, vôam, saltam,
E não te encontram, ó Hydra celebrada
A quem pernas por força te não faltam.
Ante a mavortica hoste aterradora
Nem um pêllo sequer deixas por fim!
Por tua causa, ó monstro já um dia
Foi visto o prior da Lapa em trampolim
A saltar, a saltar, pr'a Monarchia
Salvar no aperto ultimo, supremo!

Heroico esforço em que ao scismar já tremo!

*

Vou pois dizer ao mundo quem tu és,
Onde vives e aonde tens os pés,

O monstro sanguinario, turbulento.
Não me peças segredo, tal não contes,
Que eu quero que esta gente te conheça :
Tu andas incubada na cabeça
Do Mesquitella audaz e do pae Fontes,
Do Alberto Pimentel e do Sarmento.
Treme tudo aterrado, côr de cidra,
E comtudo é de crêr que eu não consiga
Encontrar na Parvonia quem me diga

De que côr tem a pelle a horrenda hydra!

A URNA

I

Urna — chamada tambem caixa,
Fóra do tempo eleitoral,
Aonde o homem se rebaixa
Como um vilissimo animal,

E aonde as listas á mistura
Sob o poder dos galopins
A uns asnos dás candidatura,
Quando a não dás a malandrins.

Ao vêr-te, ó grande prostituta
Tu, que tens sempre aberta a porta;
A' reles corja hedionda e bruta
Cuja vergonha é já bem morta,

Um asco enorme me agonia
Desde o gasnete ao epigastro,
Bem como ao vêr nojenta pia,
Ou lendo, então, Sergio de Castro.

Teu ventre, asylo de torpezas,
Põe fóra, em fétidos arrotos,
Boa canalha para emprezas
Que só derivem d'alguns votos.

Cloaca reles de compota
Que se és mexida pelo Fontes,
Ou dás um Jayme Pinto idiota,
Ou um Vaz Preto brutamontes!

Mastigas, bocca desdentada,
Sem pejo e sem hesitações,
A candidez da gente honrada
E o aviltamento dos ladrões.

O bom e o mau, mais isto e aquillo,
E qual de baixo, qual de cima:
Paiva chegando-se a Camillo,
Viterbo a Rangel de Lima!

O tolo e o esperto, o limpo e o sujo.
Que promiscuidade atroz!
Ribeiro e mais Jayme Araujo
Juntos ao Eça de Queiroz!

A' digestão pantagruelica
D'esse bandulho franciscano,
Levas com avidez famelica
Todo este povo lusitano.

Mellifluos bachareis formados,
Amanuenses e caixeiros,
Paes de familia atarantados,
Ministros, padres e barbeiros,

Gentis sargentos aspirantes,
Pimenteis, Sergios,—jornalistas,
Vadios, pelintras e farçantes,
Cocheiros, *ginjas*, e fadistas:

Todos, em volta do teu bojo,
Idolo constitucional,
Sopeteando vão,—que nojo!
A sarabanda eleitoral,

Que é como festa funeraria,
Que á roda do paiz enfermo.
Essa canalha mercenaria
Faz com carneiro e dois do Termo.

Eleges bestas insensatas,
A votação é teu destino
Após carneiro com batatas
Ficas co'a fome de Hugolino!

Assim a comica peleja
D'uma politica macanja,
Consiste em ir d'egreja a egreja
Em prol do Fontes ou da Granja.

E' rico então o que succede
Entre os votantes, muita vez,
Em Santos, Graça, S. Mamede,
S. Paulo e Anjos e Mercês.

Urna és voraz como um abbade
Dos que conheço em Traz-os-Montes,
Comes ha tempos á vontade
A' mangedoura do Pae Fontes.

E ainda ruges fammulenta
De quando em quando a pedir mais!
Raios te partam, má jumenta,
Esses larguissimos ilhaes!

A quanto alarve cangalheiro,
Tens dado titulo banal!
Desde o Visconde Marmeleiro
Ao outro que é de S. Marçal.

O Fontes fez-te com bom plano,
Deu p'ro teu ventre exhorbitante,
Por cosinheiro o Marianno,
Prior da Lapa por marchante.

Braamcamp e Fontes,—sombra e lobo
Regeneradores, e progressistas,
São cogumellos d'este globo,
Sáo no paiz uns bons dentistas!

O' urna, emfim, quando das grelhas
Um Lopo Vaz nos dás magana,
Pedes que o Fontes dê ás velhas,
Sobejos d'agua circassiana.

Para o teu ultimo pagode
Deste-nos sem nenhuns desdens,
Muito cultivador da ode
E um deputado por Sinfães,

Fontes, Valbom, Jardim, Navarro,
Troupe faminta, odiosa e triste,
Boccas que trazem ainda o escarro
Urna, com que tu o pariste.

Tu não lhe apertes a retranca,
E a guerra faz por meu mal,
A *Lei das rolhas*. Salamanca,
Lourenço Marques e Funchal.

Tu fazes odios, luctas, mortes,
Crias tambem muito jumento,
Tu és emfim quem enche as *côrtes*
— Cavallariças de S. Bento.

II

E é com um gancho entre o teu lixo,
— Que cheira a guano do Perú —
Que vae fossando um certo bicho
Que eu cá sei... — *el-rei Lúlú*...

Urna, — cloaca de Pandora
Pensando bem, és a final
Vaso de noite, onde expectora
Fontes olympico e immortal.

Pinta-se bem, mesmo com frio,
Mas doe-lhe ás vezes o bandulho,
E então Barjona c'um bacio
Diz-se :— expectore e sem barulho...

Tomando pilulas Dehaut,
E já sem a corôa de bicos,
O Pachá Fontes mette dó!
Chega a encher bem dois penicos...

Da *coisa* assim d'esta maneira
Levanta-se o *Pachá* em paz...
E ao Parlamento, a escarradeira
Vae despejal-a o Lopo Vaz.

Vae despejal-a, emfim, são gostos!
E é d'aquella massa impura,
Que ás vezes sahem os impostos
Quando não sae a dictadura!

Por isso, ó urna, és o alçapão
D'onde a ferver vem como breu
N'um bello dia d'eleição
Torgal, Baracho, o Lopo, o Abreu.

Dentro de ti, pobres captivos,
Sem que talvez d'isso os compenses,
Estão duzentos plumitivos
Sonhando ser amanuenses.

E poetas lyricos em flôr
Sonhando uma prebenda chã,
Trabalham todos com furor
No bom *Correio da Manhã.*

Tu dás a estrada lá p'ra aldeia,
Ao pobre povo que moureja,
E ao velho abbade, —centopeia,
Dinheiro e obras para egreja.

Todos de ti chucham prebenda,
Que é mais ou menos boa pandega,
Vem um abicha uma commenda
E logarsito a mais na Alfandega.

Muitos rebenta-lhes a pança,
Andando mezes, muito sérios,
D'um bom emprego na esperança,
Correndo os sete ministerios.

Politicos em debandada,
Pincham febris e sem razão,

Rabudos como um tal Vallada...
Et cœt'ra e tal como o Brajão...

Gordos empregos, — palha e fava,
Fontes dá sempre aos afilhados,
E do thesouro, — a funda aljava,
Tira escrivães e delegados.

Ah! tu patife não votaste
Co'o deputado do governo?
Mando empalar-te n'uma haste
Lá n'esses quintos do Inferno!

E emquanto o Demo te assa as banhas
E choras a secretaria,
— Posta real que não apanhas —
Os afilhados na folia,

Abicham condecorações,
Bons ordenados e commendas,
Bailes no Paço e commissões,
Da minha mão todas as prendas.

Eu nunca esqueço os protegidos,
E tenho artes, tenho meios,
De lhes calar bem os latidos,
Fazendo andar os ventres cheios.

Sustento varios troca-tintas,
Os dois Caetanos, — pae e filho,
Agora a ti estou-me nas tintas,
Pois tu fugiste do bom trilho.

Por isso os taes, de cabo a rabo,
Por mim servidos foram bem,
Que eu sou levado do diabo
Só para os pulhas sem vintem!

E a compensar a sua lida,
Ergueu-se um dia El-rei da cama
A Magestade compungida
Mandou-lhes este telegramma:

— «Remetto ganso. Hoje Alfeite.
Anjo da Caridade flores.
Saudades. Passo com deleite.
Abraços de caros penhores.» —

E se alguns forem d'este mundo,
Roidos pela solitaria,
Ou qualquer outro bicho immundo
D'esta cidade latrinaria,

E como outr'ora as feiticeras
Davam entrada no jazigo
Mettidas dentro em grandes ceiras
E com legendas no umbigo.

D'esses letreiros um esboço
Nem a palavra até descreve!
Vão com bugalhos ao pescoço
Taes como os burros d'almocreve!

E as almas vão quaes balõesinhos,
Subindo ao ceu,—scena dantesca!
Tocando n'uns instrumentinhos
Uma canção tintamarresca!

Mais tarde no Juizo Final,
Deus mandará que a nossa horda,
Em marche-marche triumphal
Seja levada a pau e corda!

Ao passo que esses taes malandros,
Como o Valbom que me persegue,
Mettidos dentro de calhandros,
Irão p'ro diabo que os carregue.

Assim bem vês, emquanto a urna,
—Bidés da familia dynastica—,
Continuar a ser a furna
Da minha grandeza bombastica,

Eu hei de em pleno parlamento
Com Assumpção, Hintze e Vilhena
Montar o povo,—esse jumento,
Rogando-lhe uma praga obscena.

Hei de no auge da folia
Co'os meus discursos os mais ricos,
Brilhar á plena *Luz do Dia*...
Co'a minha real corôa de bicos!

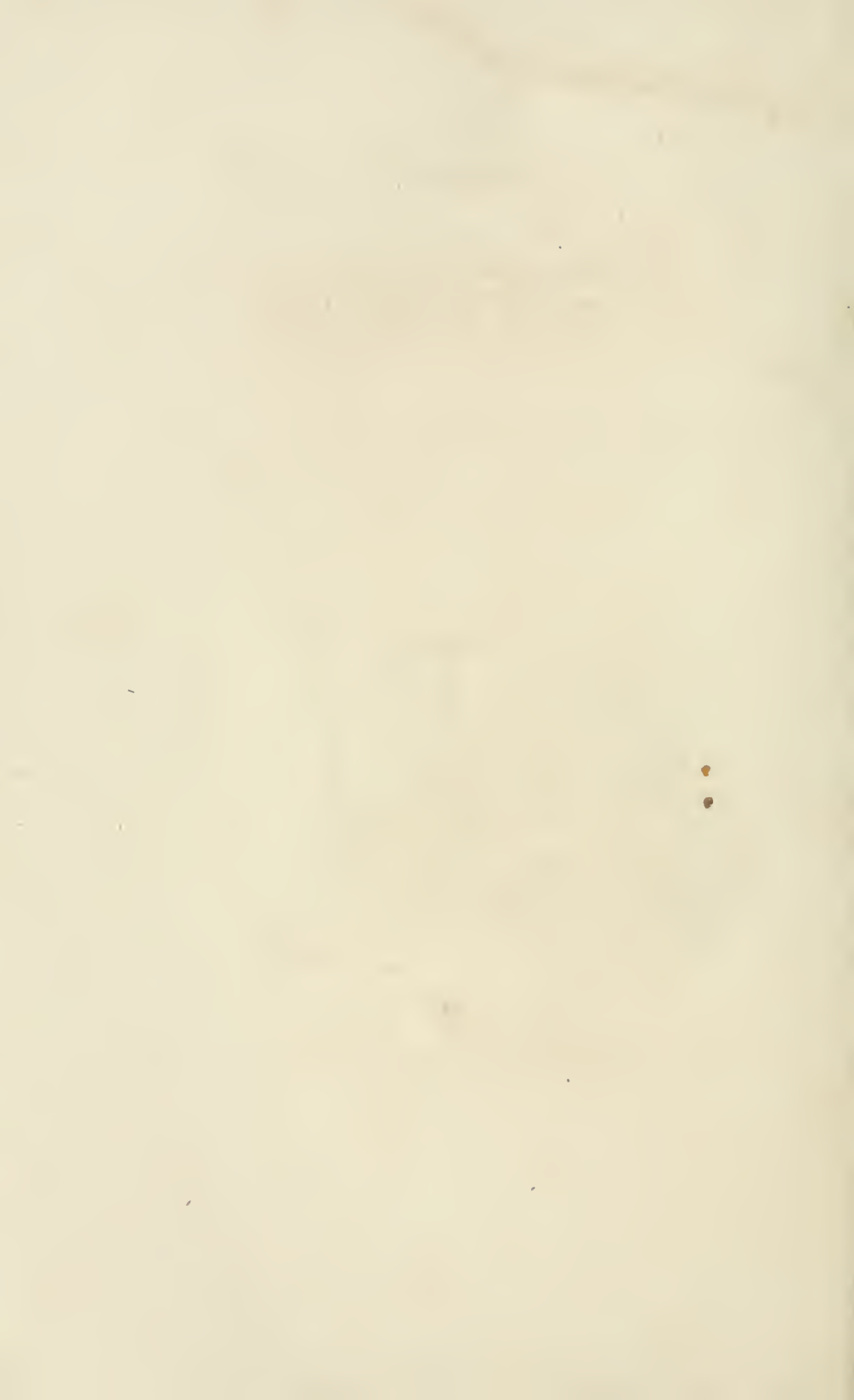
E com trez velhas e bom vinho,
Pinchar um can-can desnalgado,
Tangendo o airoso cavaquinho,
N'um gabinete reservado...

POST-SCRIPTUM

Se um dia emfim, o fogo ao rabo
Me forem pôr n'algum caminho,
Se me vender por um quartinho,
Ou pelo resto, que não gabo;

Se o Fontes, ou outro nababo,
Levando a agua ao seu moinho,
Quizer fazer-se meu padrinho
N'esta folia do diabo;

Então a minha Consciencia
Será egual (em consequencia
De ser preciso encher a pança)

A um realejo mau de feira,
Que velho, roto e com lazeira,
Excita o Zé-Povinho á dança !

A SESTA DA JULIANA

Meio dia mesmo em ponto. As arvores gigantes
Torcem ao vivo sol os braços triumphantes
E teem a attitude erecta d'um manguito,
Feito gaiatamente ao azul infinito.
O sol, a prumo, cae, dir-se-hia bem ao vel-o
— Um grande requeijão de latão amarello
Rubramente em fusão, ha mais de seis mil annos
Onde o aquece o Eterno aos pés quando tem frio.
Toda a cidade grita : os pregões, os piannos
O rodar dos coupés, o som d'um assobio,
O tropel de que passa aos encontrões na rua,
Toda essa multidão que corre e vôa e sua,

E falla e estaca e anda olha e discute e ri:
— Assumpto á secção do *Aqui e por ali.*
Onda humana que tem as proporções d'um mar,
Mas que nos dramalhões em scenas d'espantar
Esta rubrica tem simples — povo ao longe.
O Tejo dorme alem sereno como um monge
Depois de haver bebido alguns copos do Termo.
Palpitam as ruas d'Ouro e Augusta. Na Avenida
Convida-nos ao vicio um pallido estafermo,
Rou'euse de tacões altos, e *bota* parda
E que parece vir do Becco da Ricarda.
Vamos andando. Oh ceus que sol feito em fusão!
O Seabra conversa além com o padre Adão
Sobre o genero macho. A' porta do Vigia
Namoriscam-se alguns alferes d'infanteria.
Louros como os trigaes e apetitosos como
Foi para a mamã Eva o decantado pomo.
N'isto passa puxada a quatro a *horisontal*
Da moda hoje em Lisboa e que ha annos no Porto
A alguns mancebos fez andar o caco torto.
Uma doce pequena encantadora e fresca
Um pouco mais gentil e mais madrigalesca
Que uma ode do Vidal lida n'uma *retrete.*
Uma loira capaz de ao nosso Jacobetty
Inspirar um *Microbio* a tal ponto realista
Que em vez de ter o nome emfim d'uma revista
Se deve intitular — *Cantharidas em scena.*
A Venus, a Nana, a Rigolboche, a Imperia
O que ha de melhor no ventre da materia

Lyrio de libra e meia! a loira Magdalena
Que em breve no Gymnasio hade appar'cer em scena;
Lubrica tentação temperada a ostras cruas,
Ao vel-a em frente a nós com as espaduas nuas;
Um certo ar brejeiro e pé de vinte pontos,
O que perde Theotonio e varios outros tontos...

A celebre horisontal que n'ella propria irmana
Du Barry com Delorme. Emfim a Juliana!

Vamos seguil-a até á casa onde ella habita.
Que doce *boudoir*! Tudo alli nos excita
Ao goso, á sensação, aos sonhos e ao prazer.
Que seria de nós sem tão gentil mulher,
Que seria de nós, miseros peccadores,
Se o Eterno não creasse as venenosas flores,
Que nos tiram do bolso alguns cinco tostões,
Em ceias no Madrid, no Matta e em gabinetes
Em que ha *petits pâtés* de varias sensações
E saborosos *menus* que pedem rima em etes.

Não posso descrever o *boudoir* galante
Em que a deusa recebe augusta e triumphante
As finas saudações da rapaziada que é
A gomme do *Baltresqui* e mais *Casa Garrett*
Era preciso ter as tintas voluptuosas,
Essencias de luar e lagrimas de rosas,
Os astros, os jasmins, o oiro das estolas
E com tal estopada e em tal negocio... bolas.

II

O' muza da chalaça, ó muza da chiada,
Tu que inspiras ao Broca a fresca gargalhada
Quando elle em especial, assim como os morcegos,
Anda de noite, horror! em busca dos gallegos
Roliços, sensuaes! O' muza tu que encantas
O Carvalho do rapto e o Marianno das mantas,
Dois passaros de truz e de bico amarello
Capazes de metter o demo n'um chinello,
E ao Pist, esse marau levado do demonio
Tentador do diabo e até de Santo Antonio,
Mesmo a Sua Excellencia o Vax, esse borguista
Que com Bisga e Pinsão — tres passaros de crista
Pela adorada Lysbia em reinação pagã,
Desde a Iréne, a Gelasia, o Marques e a Mamã
Tudo encheram de ruido alegre e doidivana
— Como o asseveras tu, ó Beatriz Vianna!
O' muza da Ironia, ó sensual ladina
Ideal da *Viscondessa* e mais da Claudina,
Lyra de cordas d'oiro, ó harpa d'algum astro
— Chame-se elle a Thereza ou a Carmen de Castro...
Gracioso bandolim que dedilhas lamentos
Em teus dedos gentis: *Quatrocentos-quinhentos*!
Violino da *Mascotte*, ó doce violoncello
Que deliras na mão da Concha ou Consuello;
Muza do Entremez que alegra, endoida e assusta
Quer na casa da Paca e orgias na Augusta.

Lyra do *Vara-e-meia*! harpa dos *triolets*
E d'esse pachiderme, o ex-regedor da Sé.
O' Muza do chimfrim tão preclaro e tamanho
Que enche do lado o templo do Camanho
— Essa doce mansão de litt'ratura amena
Onde o vate Teixeira ás vezes entra em scena
Arvorado, meu Deus, em Jupiter-Calino
E onde o bom Paraizo em busca d'um pepino
Massa toda uma noite o Til e outros rapazes
Que em etc. e tal, á noite, são capazes...
Musa do regabofe, ó frauta da loucura
Tu que és a vibração d'essa *manola* a Pura
E tu que és afinal a sonorosa lyra
Capaz de nos cantar uns hymnos á Palmyra
E ás suas tranças d'oiro ou de manteiga ingleza,
Tranças d'um loiro egual á celebre Marinha
—A do tiro na Foz e outros pagodes mais,
Em que sempre conservou a mais correcta linha.
Musa da chuchadeira, ó pastoril avena
Do teu uso ó gentil Beatriz de Lorena
Que para a patuscada é uma *diaba* viva.
O' fresca inspiração da encantadora Iva
A que foi em balão e que cantou o Vax
—Esse poeta febril—petroleo e opoponax.
Musa de Antonio Nobre—essa gentil creança
Das meninas de Leça a florida esperança.
Trombone do ideal, ó guitarra famosa
Dedilhada na mão do Eduardo de Souza,
O' lyra galhofeira! harpa da reinação!
D'essa pequena ideal—Julia da Conceição

Que Vellozo e Xavier cultivaram a meias,
E com quem, santo Deus! passaram noites cheias
De scenas que melhor direi pantagruelicas
Em vez de lhe chamar talvez scenas patheticas.
Musa do Lapeseira, ó bandolim famoso
Que és mais phenomenal do que o Santos Cardoso
Esse escriptor-obuz, um krup inflammado,
A dymnamite em pessoa, heroe do quarto estado.
O' muza do chimfim!

Inspira-me afinal
Para que eu possa dar todo esse colorido
Preciso, ao descrever a bella horisontal
Por quem o Marraschino ás vezes tem perdido
A bola. Vamos pois em alexandrinos d'aço
Fazer resoar por toda amplidão do espaço
O caso especial que ha dias succedeu
A esta pequena com os olhos côr do ceo.

III

Que esplendida manhã de Maio! O arruamento
Todo palpita em festa! explue todo violento!
O céo é um barrete azul sujo de nuvens
Feito na estamparia a que preside Rubens,
Juliana recebe um pouco enfastiada
Todo um rude tropel que a deixa incommodada:
São banqueiros, barões, imberbes e velhotes
Uns que ás vezes teem caras de Iscariotes

E outros cheios *d'aplomb*, filhos da decadencia
Que ora a tratam por tu e ora por V. Ex.ª

Juliana sentada em seu cochim d'estofo
—Paraizo d'amor tão commodo e tão fofo
Escuta a ladainha augusta dos papalvos
De barbas *en pointe* e de dentinhos alvos.
Uns *biscuits* d'amor que afinal com custo
Traduzem a paixão em ceias no Augusto.
Uns rojam-se no chão e de requinte á mingoa.
Pedem de mãos ao ar *mayonaise* de lingoa
Cosinhada talvez ao modo de Paris,
Uma especialidade e um desejo feliz!
Outros que ouviram Valle — actor endiabrado
Recitar no Gymnasio algumas cançonetas
Repetem os *refrains*, a rir,—*por outro lado*;
E alguns, gente de tom, treslidos em poetas
Para que visita tal deslize em harmonia
Pedem á peccadora alguma... poesia.

Um gracioso tropel, um cortejo de gloria
Um prestito pagão que ha-de passar á historia
Do picaresco; surge em acclamações ruidosas
E vem beijar da diva as faces vaporosas,
Guinchando a bom guinchar uns simoensinhos bons
Estes versos que são punhados de *bonbons*.

«Deus fez um dia esta magana
Troupe sedenta de amanuenses
O' Juliana!
Por ti todos suspiram juntos
A ti offerecem seus presuntos,
O' Juliana, ó Juliana.

Succedessem-se depois em manadas e em bando!
Pequenas da Ignez e Augusta conclamando.

A Ignez, do Porto á celebrada Irène
Do Arco de Bandeira a luz perenne.
Que susto ó mana!
Nós vimos todas em febris anceios
Com borlas, com crochets, com entremeios
Dar-te isto tudo se te falta os meios
O' Juliana!
O' Juliana!

Oh! que ventura,
N'uma loucura!
Dá em Pantana
A troupe airosa das *palomas* bellas
Se tu não corres em soccorro d'ellas,
O' Juliana.

«Ao som theorbas d'oiro e avenas pastoris»
Com rir brejeiro e um modo assim de Annas Pelladas,
Veem da *Maison de France* e *magasins* gentis
Costureiritas ás tremendas gargalhadas.

Somos tres mil, sessenta e nove,
Olhos patuscos, cara magana,
Dignas de reis
O' Juliana,
Vimos áquillo que vós sabeis...
Ai! nunca alguem... a tal cousa prove...
Somos tres mil, sessenta e nove.

Um almanach desvergonhado
E d'uma cana...
E aqui nos tens ó Juliana
Do outro lado ai! do outro lado:

A Juliana repouza em paz alguns segundos
E dá graças a Deus, olhando os céus profundos
De se ver livre emfim de tantos massadores.
Abre a bocca, espreguiça os braços e as pernas
Apetecendo um pouco as sensações modernas,
Do Conde de Artois ou do romance do Eça.
Como seria feliz se a branca *Viscondessa*
A fosse convidar n'uma frescata a sós,
N'um caleche fechado e de batida á Foz!

Livre do Verdial e do Eduardo Vianna
E livre do Gustavo e livre do Pestana.
Como seria bom, completamente nuas
Corpo a corpo, no banho, enlaçadas as duas,
Entregues ao amor estravagante e estranho:
Que loucuras então no delicioso banho!

E a Juliana toda extatica e suspensa
Nos delirios d'amor (descriptos por Zolá
N'uma nova edição secreta da Naná),
Em seu molle cochim, de camisa bordada
Deixando vêr a anca—uma manhã nevada!
E os seios d'um primor de linhas e de curvas
Que faziam, meu Deus! muitas cabeças turvas;
A pensar! a pensar! em epochas distantes
Nas cidades pagans a pulullar d'amantes;
E nas eras de luxuria ardente e até sem nexo,
As loucas attracções d'um sexo ao mesmo sexo!
A loura horisontal d'aspirações gentis
Educada afinal na biblia de Paris
Desmaiou... E da mão direita o roseo dedo
Principiou então a dedilhar a medo
E um pouco em ré maior não sei que symphonias
Que eram toda um onda augusta de harmonias,
Suspirando Izabel! Cuenca! e outras manolas:
Que optimo guisado, a sós, as hespanholas...

. . . .

A MADRE EM PANCAS

A Madre Eterna disse um dia ao Marraschino :
O' melro da cidade
Traz-me já o meu sceptro, um optimo pepino
Vou reinar á vontade.

Trouxeram-lhe o pepino, um traste diabolico
De enorme curvatura
E mais phenomenal ainda mais hyperbolico
Do que o nariz d'um cura.

A madre continuou — «Preciso d'uma corôa
Ornada com estollas!
E trouxeram-lhe pois uma enfiada boa
De cascas de cebollas.

Ainda não satisfeita a Madre novamente
Erguendo ao céo os braços
Quiz um manto real e deu-lhe a capa a gente
Da irmandade dos Passos.

Rugiu, como leão e em colera embebida,
Pallida como as tochas :
Com mil raios emfim tragam-me de seguida
Um bom par de galochas.

Foi satisfeita toda a encommenda estranha
E feliz como um padre,
Grunhiu de monte em monte e de montanha em montanha
D'esta maneira a Madre.

Sou Jupiter-tonante, a Madre Topa-a-Tudo
Vou entoar em hymno,
Tenho um manto gentil para epocha do entrudo
Galochas e um pepino.

Sou eu que represento o pensamento humano
E os dilemmas profundos,
Basta eu tocar em chás de familia ao piano
A valsa dos *Dois Mundos*.

Humanidade és minha e mais a Havaneza
Setubal e o Perú,
E sirvo-me de Deus frito em manteiga ingleza
E janto el-rei Zilú!

E mais não disse a Madre. Entretanto na amplidão
Resoou aquella voz
Que faz tremer de susto, em enorme afflição
O mundo e... Porto-Moz.

II

Surgiram n'este instante n'um recanto escuro
O' multidão que pasmas!
Tres vultos de semblante um pouco fero e duro
Assim como uns phantasmas.

Cada um por sua vez á Madre falla e diz
Palavras nunca ouvidas,
Pronunciadas como a um tragico juiz
Em frente a uns homicidas.

«Sou Theophilo Braga, a rectidão sombria
Em frente aos condemnados:
E venho-te rezar ó pôdre monarchia
O officio de finados!

«Sou o Guerra Junqueiro, a muza que troveja
Assim como um canhão
Eu venho açoitar Deus e escarrar *na Ygreja,*
Velha religião.

Sou Bordallo Pinheiro — a eterna gargalhada,
A ironia moderna!
O' grande podridão vaes ser anavalhada
Por mim, ó Madre Eterna!

Em seguida os heroes que proclamam aos ventos
O verbo do futuro
Foram todos buscar a Madre que em lamentos
Se estorcia no escuro.

E galochas, pepino, o manto e a corôa falsa
E carta de orações,
Tudo quanto cheirasse a agoa benta e a valsa
E ás instituições,

Tudo isso foi lançado á cova e á sarjeta,
A's latrinas e ao cano.
Assim a Madre expirou a velhice abjecta,
No esterco e no guano!